

GUIA BÁSICO DA EDUCAÇÃO PATRIMONIAL

- **Maria de Lourdes Parreiras Horta**
- **Evelina Grunberg**
- **Adriane Queiroz Monteiro**

MUSEU IMPERIAL / DEPROM - IPHAN - MINC

APRESENTAÇÃO: Luiz Antônio Bolcato Custódio
Maria de Lourdes Parreiras Horta

O QUE É, AFINAL, A EDUCAÇÃO PATRIMONIAL?

O PATRIMÔNIO VIVO: A DINÂMICA CULTURAL

A NECESSIDADE DO PASSADO: O USO DE OBJETOS, MONUMENTOS E SÍTIOS HISTÓRICOS NA EDUCAÇÃO PATRIMONIAL

O OBJETO CULTURAL COMO FONTE PRIMÁRIA DE CONHECIMENTO

APLICANDO A METODOLOGIA DA EDUCAÇÃO PATRIMONIAL

O OBJETO : UMA DESCOBERTA

O MONUMENTO: EXPLORANDO O MEIO AMBIENTE HISTÓRICO
SUGESTÕES DE ATIVIDADES

OS CENTROS HISTÓRICOS: DESCOBRINDO A VIDA NO PASSADO E NO PRESENTE
SUGESTÕES DE ATIVIDADES

OS SÍTIOS ARQUEOLÓGICOS:
ESCAVANDO O PRESENTE PARA ENCONTRAR O PASSADO
SUGESTÕES DE ATIVIDADE: A LOUÇA QUEBRADA

O ENFOQUE INTERDISCIPLINAR

CASOS DE ESTUDO

- UM MUSEU: O Museu Imperial
- UM MONUMENTO/SÍTIO ARQUEOLÓGICO: Os remanescentes de São Miguel das Missões
- UM CENTRO-HISTÓRICO: Antônio Prado
- UM PATRIMÔNIO RURAL: A 4ª Colônia de Imigração Italiana no Rio Grande do Sul
- UM PATRIMÔNIO INDÍGENA: A experiência Tikuna

A MULTIPLICAÇÃO DO MÉTODO: OFICINAS DE EDUCAÇÃO PATRIMONIAL

RECURSOS PARA O PROFESSOR
COMO ELABORAR O MATERIAL DE APOIO: AS FOLHAS DIDÁTICAS

AVALIANDO A EXPERIÊNCIA

REFERÊNCIAS PARA O PROFESSOR: O PATRIMÔNIO A CONHECER

BIBLIOGRAFIA

APRESENTAÇÃO

- **CUSTÓDIO (Texto)**
- **LOURDINHA (Texto)**

FOTOS – (2)

O QUE É, AFINAL, A EDUCAÇÃO PATRIMONIAL?

Trata-se de um processo **permanente** e **sistemático** de trabalho educacional centrado no Patrimônio Cultural como **fonte primária** de conhecimento e enriquecimento individual e coletivo. A partir da **experiência** e do **contato direto** com as evidências e manifestações da cultura, em todos os seus múltiplos aspectos, sentidos e significados, o trabalho da Educação Patrimonial busca levar as crianças e adultos a um processo ativo de **conhecimento**, **apropriação** e **valorização** de sua herança cultural, capacitando-os para um melhor usufruto destes bens, e propiciando a geração e a produção de novos conhecimentos, num **processo** contínuo de **criação cultural**.

O conhecimento crítico e a apropriação consciente pelas comunidades do seu Patrimônio são fatores indispensáveis no processo de **preservação sustentável** desses bens, assim como no fortalecimento dos sentimentos de **identidade** e **cidadania**.

A Educação Patrimonial é um **instrumento** de “alfabetização cultural” que possibilita ao indivíduo fazer a leitura do mundo que o rodeia, levando-o à compreensão do universo sociocultural e da trajetória histórico-temporal em que está inserido. Este processo leva ao reforço da **auto-estima** dos indivíduos e comunidades e à **valorização** da cultura brasileira, compreendida como múltipla e plural.

O **diálogo** permanente que está implícito neste processo educacional estimula e facilita a **comunicação** e a **interação** entre as comunidades e os agentes responsáveis pela preservação e estudo dos bens culturais, possibilitando a **troca** de conhecimentos e a formação de **parcerias** para a proteção e valorização desses bens.

A **metodologia** específica da Educação Patrimonial pode ser aplicada a qualquer evidência material ou manifestação da cultura, seja um objeto ou conjunto de bens, um monumento ou um sítio histórico ou arqueológico, uma paisagem natural, um parque ou uma área de proteção ambiental, um centro histórico urbano ou uma comunidade da área rural, uma manifestação popular de caráter folclórico ou ritual, um processo de produção industrial ou artesanal, tecnologias e saberes populares, e qualquer outra expressão resultante da **relação** entre os indivíduos e seu meio ambiente.

FOTOS: 3

O PATRIMÔNIO VIVO: A DINÂMICA CULTURAL

Todas as ações através das quais os povos expressam suas formas específicas de ser constituem a sua CULTURA e esta vai ao longo do tempo adquirindo formas e expressões diferentes. A cultura é um processo eminentemente dinâmico, transmitido de geração em geração, que se aprende com os ancestrais e se cria e recria no cotidiano do presente, na solução dos pequenos e grandes problemas que cada sociedade ou indivíduo enfrentam.

Neste processo dinâmico de sociabilização em que se aprende a fazer parte de um grupo social, o indivíduo constrói a própria identidade.

Reconhecer que todos os povos produzem cultura e que cada um tem uma forma diferente de se expressar é aceitar a **diversidade cultural**. Este conceito nos permite ter uma visão mais ampla do processo histórico, reconhecendo que não existem culturas mais importantes do que outras..

O Brasil é um país pluricultural que deve esta característica ao conjunto de etnias que o formaram e à extensão do seu território. Estas diversidades culturais regionais, contribuem para a formação da identidade do cidadão brasileiro, incorporando-se ao processo de formação do indivíduo, e permitindo-lhe reconhecer o passado, compreender o presente e agir sobre ele.

O Patrimônio Cultural Brasileiro não se resume aos objetos históricos e artísticos, aos monumentos representativos da memória nacional ou aos centros históricos já consagrados e protegidos pelas Instituições e Agentes Governamentais. Existem outras formas de expressão cultural que constituem o **patrimônio vivo** da sociedade brasileira: artesanatos, maneiras de pescar, caçar, plantar, cultivar e colher, de utilizar plantas como alimentos e remédios, de construir moradias, a culinária, as danças e músicas, os modos de vestir e falar, os rituais e festas religiosas e populares, as relações sociais e familiares, revelam os múltiplos aspectos que pode assumir a cultura viva e presente de uma comunidade.

- O saber e a experiência da vida na floresta é parte fundamental da herança cultural dos índios da Amazônia e como tal integram o nosso Patrimônio.
- O Maracatú é a expressão de elementos trazidos pela cultura africana, incorporando uma prática religiosa e uma manifestação popular, sendo assim da mesma forma um elemento significativo da Cultura Brasileira.
- O Carnaval de Olinda, as Vaquejadas do Pantanal, as técnicas tradicionais da pesca no litoral de Santa Catarina, a maneira de plantar, fiar e tecer o linho que ainda sobrevive no interior do Rio Grande do Sul, as rodas de samba cariocas, as festas do Divino em Parati, são exemplos da cultura viva que pode ser trabalhada e conhecida através da Educação Patrimonial.

QUADRO I

FOTOS

Maracatu, Carnaval, Projeto ECIRS, Festa Divino, Ticuna

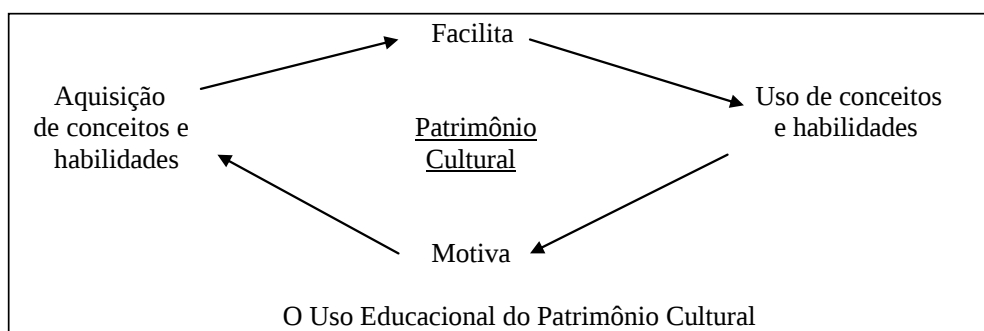
A NECESSIDADE DO PASSADO:

O Uso de objetos, monumentos e sítios históricos na Educação Patrimonial

O processo educativo, em qualquer área de ensino/aprendizagem tem como objetivo levar os alunos a utilizarem suas capacidades intelectuais para a aquisição de **conceitos e habilidades**, assim como para o **uso** desses conceitos e habilidades na prática, em sua vida diária e no próprio processo educacional. A **aquisição** é reforçada pelo **uso** dos conceitos e habilidades, e o **uso** leva à **aquisição** de novas habilidades e conceitos.

A Educação Patrimonial consiste em provocar situações de aprendizado sobre o processo cultural e seus produtos e manifestações, que despertem nos alunos o interesse em resolver questões significativas para sua própria vida, pessoal e coletiva.

O patrimônio cultural e o meio-ambiente histórico em que está inserido oferecem oportunidades de provocar nos alunos sentimentos de surpresa e curiosidade, levando-os a querer conhecer mais sobre eles.



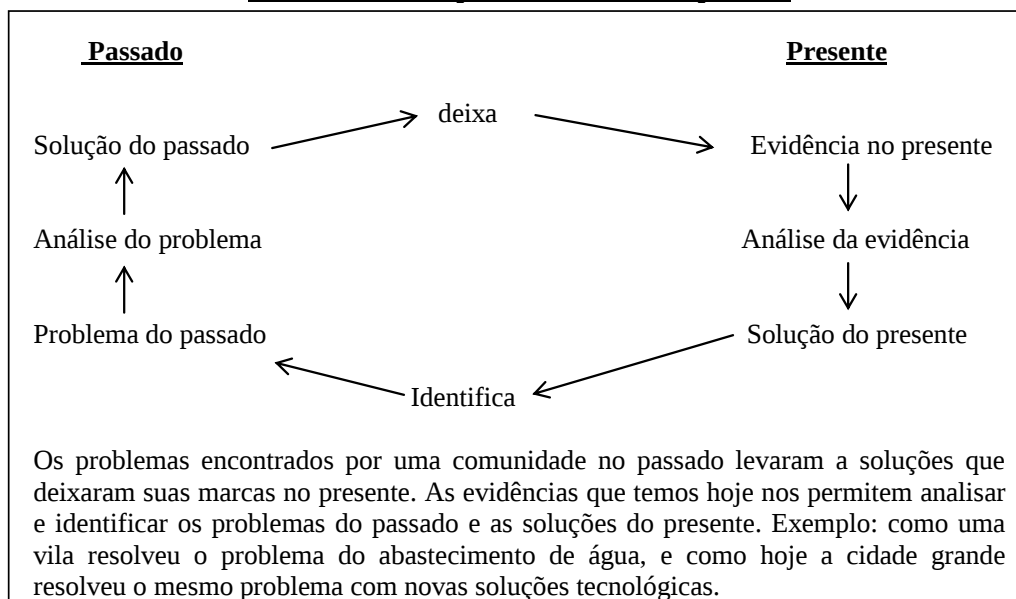
QUADRO II
FOTOS: 1

O OBJETO CULTURAL COMO FONTE PRIMÁRIA DE CONHECIMENTO

Nada substitui o **objeto real** como **fonte de informação** sobre a rede de relações sociais e o contexto histórico em que foi produzido, utilizado e dotado de significado pela sociedade que o criou. Todo um complexo **sistema de relações** e conexões está contido em um simples objeto de uso cotidiano, uma edificação, um conjunto de habitações, uma cidade, uma paisagem, uma manifestação popular, festiva ou religiosa, ou até mesmo em um pequeno fragmento de cerâmica originário de um sítio arqueológico.

Descobrir esta rede de significados, relações, processos de criação, fabricação, trocas, comercialização e usos diferenciados, que dão sentido às evidências culturais e nos informam sobre o modo de vida das pessoas no passado e no presente, em um ciclo constante de **continuidade, transformação e reutilização** é a tarefa específica da Educação Patrimonial. Neste processo de descobrimento da realidade cultural de um determinado tempo e espaço social é possível se aplicar uma **metodologia** apropriada que facilite a **percepção** e a **compreensão** dos fatos e fenômenos culturais.

Facilitando a compreensão da vida no passado



QUADRO III

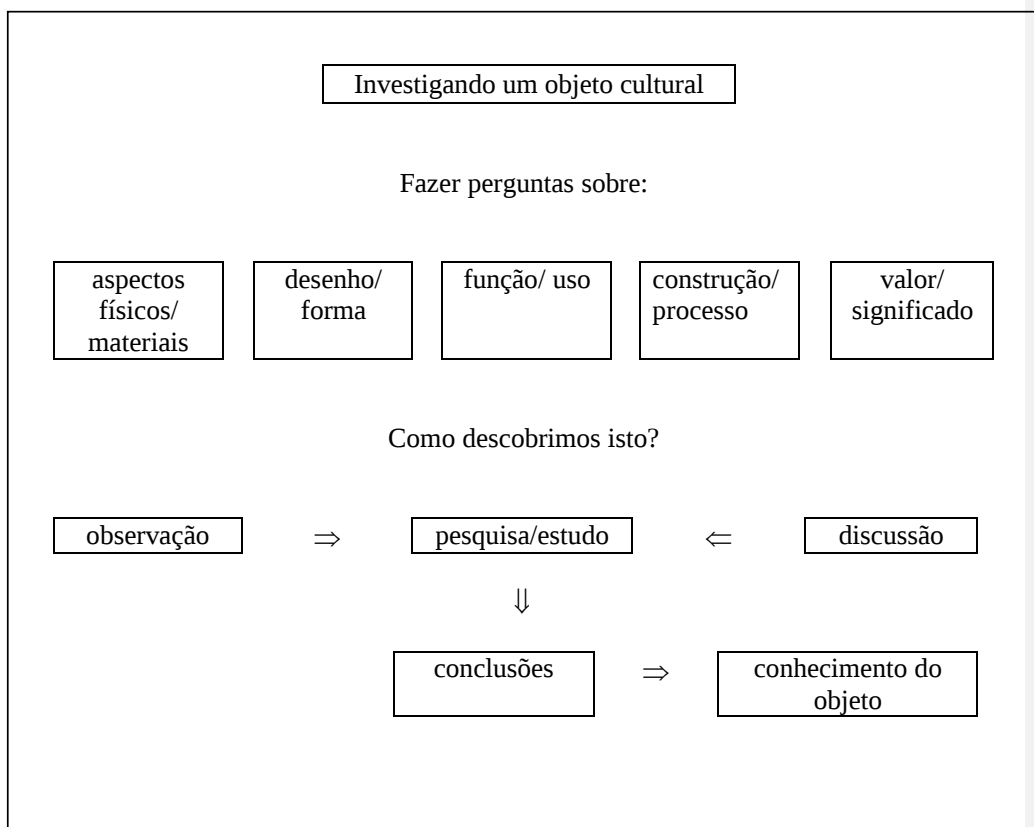
A habilidade de **interpretar** os objetos e fenômenos culturais amplia a nossa capacidade de compreender o mundo. Cada produto da criação humana, utilitário, artístico ou simbólico, é portador de sentidos e significados, cuja **forma, conteúdo e expressão** devemos aprender a “ler” ou “*decodificar*”. Para desenvolver este aprendizado, o conhecimento especializado não é essencial. Qualquer pessoa pode fazê-lo, desde que utilize suas capacidades de **observação** e **análise direta** do objeto ou fenômeno estudado.

A **metodologia** da **Educação Patrimonial** pode levar os professores a utilizarem os objetos culturais na sala de aula ou nos próprios locais onde são encontrados, como peças “*chave*” no desenvolvimento dos currículos e não simplesmente como mera “*ilustração*” das aulas.

FOTO (1)

APLICANDO A METODOLOGIA DA EDUCAÇÃO PATRIMONIAL

A análise de um objeto ou fenômeno cultural pode ser feita através de uma série de perguntas e reflexões:



QUADRO IV

É importante notar que cada objeto ou evidência da cultura traz em si uma multiplicidade de aspectos e significados. Neste processo de etapas sucessivas de **percepção, análise e interpretação** das expressões culturais é necessário **definir** e **delimitar** os **objetivos** e **metas** da atividade, de acordo com o que se quer alcançar, e com a natureza e complexidade do objeto estudado. Por exemplo, em um **museu**, definir o tema a ser abordado, em um **monumento** ou uma **cidade**, definir os aspectos a serem investigados (arquitetônico, urbanístico, social, econômico, histórico etc...). Num simples monumento podemos analisar os aspectos construtivos e materiais, a área de entorno, o interior, o aspecto decorativo, o mobiliário, os habitantes ou usuários, as transformações ocorridas no tempo. Cada um desses aspectos oferece uma infinidade de enfoques a abordar.

Uma vez definido o objeto/fenômeno/tema de estudo, a ação educativa se desenvolverá ao longo das seguintes **etapas metodológicas**:

Etapas	Recursos/ Atividades	Objetivos
1) <u>Observação</u>	exercícios de percepção visual/sensorial, por meio de perguntas, manipulação, experimentação, medição, anotações, comparação, dedução, jogos de detetive ...	• identificação do objeto/ função/significado; • desenvolvimento da percepção visual e simbólica.
2) <u>Registro</u>	desenhos, descrição verbal ou escrita, gráficos, fotografias, maquetes, mapas e plantas baixas ...	• fixação do conhecimento percebido, aprofundamento da observação e análise crítica; • desenvolvimento da memória, pensamento lógico, intuitivo e operacional.
3) <u>Exploração</u>	Análise do problema, levantamento de hipóteses, discussão, questionamento, avaliação, pesquisa em outras fontes como bibliotecas, arquivos, cartórios, instituições, jornais, entrevistas.	• desenvolvimento das capacidades de análise e julgamento crítico, interpretação das evidências e significados.
4) <u>Apropriação</u>	recriação, releitura, dramatização, interpretação em diferentes meios de expressão como pintura, escultura, drama, dança, música, poesia, texto, filme, vídeo.	envolvimento afetivo , internalização, desenvolvimento da capacidade de auto-expressão, apropriação, participação criativa, valorização do bem cultural.

QUADRO V

Antes de iniciar o trabalho com qualquer dos temas do Patrimônio Cultural, defina seus objetivos educacionais e resultados pretendidos.

Decida que **habilidades, conceitos e conhecimentos** você quer que seus alunos adquiram e de que modo o trabalho se insere no seu currículo.

Como será a preparação do trabalho de campo e o desenvolvimento posterior em sala de aula?. A maioria das crianças vai sentir que aproveitou mais a experiência se tiver um produto final tangível. Uma sessão de dispositivos , um vídeo ou uma pequena exposição podem documentar todo o processo.

Uma apresentação ou entrevista com outras pessoas, como colegas do colégio, professores, pais, avós, moradores da vizinhança, podem ser recursos para multiplicar e reforçar o trabalho realizado.

O OBJETO UMA DESCOBERTA

O objeto mais comum de uso doméstico ou cotidiano pode oferecer uma vasta gama de informações a respeito do seu **contexto histórico-temporal**, da sociedade que o criou, usou e transformou, dos gostos, valores e preferências de um grupo social, do seu nível tecnológico e artesanal, de seus hábitos, da complexa rede de relações sociais. A observação direta, a manipulação, e o questionamento do objeto através de perguntas apropriadas podem revelar estas informações em um **primeiro nível** de conhecimento, que deverá ser extrapolado através do estudo e da investigação de fontes complementares como livros, fotografias, documentos, arquivos cartoriais e eclesiásticos, pesquisas, entrevistas, etc.

Considere a **cadeira** em que você está sentado. Usando a metodologia da Educação Patrimonial, em sua primeira etapa, a **observação**, é possível perguntar : de que material é feita? Porque foi feita desse material? Qual sua cor, forma e textura? É confortável? É diferente de outras cadeiras? O que diz a sua ornamentação? Ela tem cheiro? Em que época foi feita? Ela já foi consertada? Como? Porque ? Ela está limpa? Ela se relaciona com outros objetos na sala? Foi fabricada artesanalmente ou industrialmente? Você já olhou em baixo da cadeira ou passou o dedo sob ela? Isto altera alguma das respostas acima? Agora você pode pensar em outras perguntas que poderiam ser feitas com o objetivo de ampliar a sua investigação sobre a cadeira, percebendo a quantidade de informações que um simples objeto de uso cotidiano pode revelar.

A segunda etapa da metodologia leva-nos a **registrar** as observações e deduções feitas. Você poderia assim tentar descrever em palavras esta cadeira, fotografá-la em diferentes ângulos, medi-la, pesá-la, observar e anotar as formas de encaixe ou construção, ou mesmo reproduzi-la em tamanho pequeno ou natural, em diferentes materiais. Seu conhecimento sobre este objeto ficará sem dúvida mais consolidado e registrado em sua memória.

Numa terceira etapa, a da **exploração**, você poderá querer descobrir mais informações e significados relacionados com a cadeira em que você está sentado. Neste caso, levante-se dela e procure descobrir através de perguntas a outras pessoas, consulta a livros, revistas ou documentos, pesquisa em arquivos de fotografias e textos, visitas a instituições especializadas, todo o contexto histórico, social, econômico, tecnológico e político em que esta cadeira está inserida.

Finalmente, você “descobriu” esta cadeira e se apropriou dela intelectual e emocionalmente. Você é capaz de recriar esta cadeira de alguma forma? Poética, plástica, musical, com movimentos ou dramatização? Neste momento, é a **sua própria** capacidade de expressão criativa que estará se revelando.

FOTOS: 4 cadeiras – trono PII, banco indígena, cadeira moderna, cadeira antiga.

DESCOBRINDO UM OBJETO

Exercício de estímulo à percepção e análise.

Você pode dar às crianças/alunos uma folha como essa para ajudá-las a analisar um objeto, sem limitar sua própria capacidade de propor perguntas e respostas.

Aspectos principais a observar	Outras perguntas	Aspectos descobertos pela observação	Aspectos a pesquisar
ASPECTOS FÍSICOS O que parece ser este objeto?	Que cor tem? Que cheiro tem? Que barulho faz? De que material é feito? O material é natural ou manufaturado? O objeto está completo? Foi alterado, adaptado ou consertado? Está usado?		
CONSTRUÇÃO Como foi feito?	Onde foi feito? Foi feito a mão ou à máquina? Foi feito em uma peça única, ou em partes separadas? Com uso de molde ou modelado a mão? Como foi montado? (com parafusos, pregos, cola ou encaixes?)		
FUNÇÃO Para que foi feito?	Quem o fez? Para que finalidade? Como foi ou é usado? O uso inicial foi mudado?		
FORMA (DESIGN) O objeto tem uma boa forma? É bem desenhado?	De que maneira a forma indica a função? Ele é bem adequado para o uso pretendido? O material utilizado é adequado? É decorado, ornamentado? Como é a decoração? O que a forma e decoração indicam? Sua aparência lhe agrada?		
VALOR Quanto vale este objeto?	Para as pessoas que o fabricaram? Para as pessoas que o usam?(ou usaram?) para as pessoas que o guardaram? Para as pessoas que o venderam? Para você? Para um Banco? Para um museu?		

QUADRO VI

EXEMPLO DE ANÁLISE: A xícara e o pires

FOTO: xícara e pires

- Aspectos Físicos:** As peças parecem delicadas e de textura suave, fria e lisa. São feitas de porcelana e estão bem conservadas. A xícara tem 5,4cm de altura e 9,4cm de diâmetro. O pires tem 15,3cm de diâmetro. As peças são brancas, tem aparência lustrosa e uma decoração em frisos dourados e verdes na borda e na base. A asa da xícara é dourada e arrematada por uma folha. A xícara é decorada com um monograma de duas letras "I" e "G" encimadas por uma coroa.
- Construção:** A junta entre a asa e o corpo da xícara sugere que a asa foi feita separadamente e colada no corpo. Há marcas de torno na base da xícara e pires sugerindo que as peças foram feitas manualmente. A decoração parece ter sido feita à mão.
- Função:** O conhecimento prévio adquirido em nosso contexto cultural nos diz que as peças correspondem à forma de uma “xícara” e seu “pires”. Não há evidência de que tenham sido usadas para outras finalidades. Se nunca tivéssemos visto uma xícara antes, sua forma poderia nos sugerir que este objeto serviria para conter alguma substância (líquida ou não) e que sua asa serviria para ser levantada pela mão ou pendurada. A asa também sugere que o conteúdo da xícara poderia ser quente, servindo para proteger a mão do calor. A forma do pires e a decoração semelhante à xícara sugerem que poderia ser usado como suporte ou base da mesma, formando um conjunto, ou como um complemento lateral.
- Forma:** Do ponto de vista de sua aparência a xícara e o pires podem ser apreciados por seu colorido, forma delicada e decoração refinada. Isto é entretanto uma opinião puramente pessoal. Analisando a forma da xícara observa-se que a asa ultrapassa a altura da borda. Isto pode ser entendido como um estilo próprio da época em que foi feita, sem nenhuma função utilitária. Este detalhe também pode ser visto como oferecendo maior espaço e segurança para se segurar a xícara, evitando a queda e o derramamento de seu conteúdo. A porcelana é um material muito frágil. Ao mesmo tempo, a asa mais alta que a borda impede que se use o pires como tampa, protegendo o conteúdo da xícara. A decoração em frisos dourados com um monograma e uma coroa, sugere que as peças foram feitas especialmente por encomenda de clientes ricos e nobres. Quem foram eles é um assunto para ser pesquisado. Observando-se a base da xícara encontramos uma marca, “*Hérbert Fres/3, Rue de la Paix/Paris*”, indicando provavelmente a manufatura e o local de fabricação. Este é outro dado a ser pesquisado.

- Valor: Em termos de valor monetário, estas peças podem ter um valor mais alto do que suas versões mais comuns encontradas nas lojas de hoje. O conhecimento prévio ou a pesquisa posterior podem indicar tratar-se de peças antigas, com seu valor acrescido pela raridade. A escolha do material e o refinamento da decoração podem indicar que os objetos não foram feitos com uma função utilitária, mas também para demonstração de situação social e poder econômico. A porcelana sempre foi um material caro, no passado e no presente. O fato de que as peças tenham sobrevivido ao tempo indica que outras pessoas atribuíram a elas um valor especial.
- A pesquisa pode nos levar a descobrir que as iniciais do monograma correspondem ao nome da Princesa Isabel (I) e do Conde D'Eu, Gaston de Orléans (G), seu marido. Isto acrescenta às peças um valor **histórico** e **afetivo**, por se tratar de personagens da Corte Imperial brasileira. Do mesmo modo isto nos revela alguns aspectos da estrutura social e política do Brasil no século XIX, os usos e costumes desta sociedade, bem como os padrões econômicos da época.
- A continuação da pesquisa nos ajuda a desvendar o mistério da marca encontrada - *Herbert Frères*. Os irmãos Herbert foram artistas decoradores que trabalhavam para a manufatura de Sèvres, famosa fábrica de porcelana localizada em Paris. Era costume dos nobres da Corte encomendarem seus serviços de louça na França, Inglaterra ou até mesmo na China e Japão.
- Exercício : Agora tente uma análise similar com outro objeto, como o relógio que você tem no braço, ou outro qualquer que lhe desperte interesse, seguindo o modelo acima..

O MONUMENTO: explorando o meio ambiente histórico.

Um monumento é uma edificação ou sítio histórico de caráter **exemplar**, por seu significado na trajetória de vida de uma sociedade/comunidade e por suas características peculiares de forma, estilo e função. Existem **monumentos** construídos especialmente para celebrar ou relembrar algum episódio, momento ou personagem de nossa história, criados por arquitetos, escultores, artistas, por exemplo: o *Monumento às Bandeiras*, em São Paulo, ou o *Monumento aos Mortos na 2ª Guerra Mundial*, no Rio de Janeiro, ou o *Memorial JK*, em Brasília. Outros são **remanescentes** do **passado**, que sobreviveram ao tempo, e que são **consagrados** pela sociedade como símbolos coletivos, e como **referências** da **memória** de um povo.

Em suas estruturas, formas e uso, revelam um momento determinado do passado, e são testemunhas dos modos de vida, das relações sociais, das tecnologias, das crenças e valores dos grupos sociais que os construíram, modificaram e utilizaram.

Alguns monumentos continuam a servir à mesma função original, por exemplo: as Igrejas da época colonial. Outros servem a novas funções, como as *Casas de Câmara e Cadeia*, transformadas em museus ou repartições públicas; outros permanecem vazios, sem uso particular, constituindo freqüentemente um polo de atração turística, como por exemplo os Fortes para a defesa da costa ou das fronteiras do país.

Alguns estão bem **conservados** em seu aspecto original, outros sofreram modificações ao longo do tempo para servir a novos usos, outros ainda se encontram em ruínas, como as *Missões Jesuítico-Guaranis* no Rio Grande do Sul. Uma parte do monumento pode estar enterrada sob camadas do solo, como resultado de modos sucessivos de ocupação do espaço:: as casas dos guaranis, as oficinas e o colégio dos padres, nas Missões de S. Miguel, S. Nicolau ou São João Batista só são conhecidos como resultado de escavações arqueológicas.

Alguns edifícios isolados, sítios ou conjuntos de edificações tem um significado especial para a História do Brasil, como marcos na trajetória nacional. Outros tem uma importância regional ou local. Os técnicos do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN), do Patrimônio Estadual ou Municipal, puderam identificar estes edifícios e sítios através de estudos e pesquisas, como base para o trabalho de **conservação** e **restauração**, e para sua **proteção** oficial, de acordo com a Constituição Federal e o decreto-lei n.º 25, de novembro de 1937, a chamada *Lei do Tombamento*. Os monumentos assim identificados são chamados monumentos ou edifícios **tombados**, quando inscritos nos Livros de Tombo do Patrimônio nacional, estadual ou municipal.

A origem deste termo é muito antiga e se refere à Torre do Tombo, em Portugal, onde se guardam até hoje os livros e os documentos da história daquele país, e muitos referentes à História do Brasil.

O **tombamento** é assim um **registro** oficial e legal de um edifício, um conjunto de edificações, centros urbanos históricos, ou objetos e coleções de significado exemplar para a sociedade. Um monumento é antes de tudo uma **referência** a um momento na **trajetória histórico-cultural** de um povo, um instrumento da **memória coletiva**. Assim, jamais pode ser estudado **isoladamente**. Um monumento deve ser visto como um elemento do **meio ambiente histórico**, e como tal deve ser analisado em seu **contexto** social e histórico, ao longo do tempo.

O que é o meio-ambiente histórico?

É o espaço criado e transformado pela atividade humana, ao longo do tempo e da história. Pode ser um pequeno núcleo habitacional, uma cidade, uma área rural. Até mesmo uma paisagem natural, rios e florestas, zonas de alagados ou desertos já sofreram, na maioria dos casos, o impacto da ação humana. Algumas áreas foram ocupadas no passado, em tempos pré-históricos, ou há séculos atrás, e hoje não apresentam sinais de ocupação visíveis, o que abre o campo para o trabalho dos *arqueólogos*.

O meio-ambiente histórico está em toda a parte, em torno de nós; o que pode variar é a **extensão** e o **modo** em que ele pode ser **identificado**, no meio-ambiente do presente em que vivemos. Os monumentos e sítios identificados são **fragmentos** do cenário do passado, elementos de uma paisagem que sofreu modificação ao longo do tempo, e funcionam como **chaves** para a reconstituição das sucessivas camadas da ocupação humana e dos remanescentes que chegaram até nós.

O meio-ambiente histórico é **dinâmico**, e continua a mudar no presente. O conceito de **mudança** e **continuidade** é essencial para a compreensão do Patrimônio Cultural, como um dos conceitos básicos a serem trabalhados no processo da Educação Patrimonial.

QUADRO VII

As dimensões do meio-ambiente histórico:

A atividade sobre o meio-ambiente, resultante das necessidades humanas de vida em grupo e de sobrevivência, dá origem a uma série de **estruturas**, com diferentes finalidades: abrigo, defesa, cultos religiosos, agricultura, fabricação de utensílios e ferramentas, comércio, governo, etc.

Normalmente encontramos estruturas apropriadas a todas essas **funções** no espaço de uma mesma área, quer seja rural ou urbana. Ao longo dos séculos, as necessidades básicas continuam as mesmas, e o desenvolvimento das **tecnologias** vai modificar as estruturas, com a introdução de recursos mais sofisticados. Novas necessidades da vida social vão provocar o aparecimento de novas estruturas: *shopping-centers* no lugar de lojas, cinemas no lugar de galpões, estádios de futebol no lugar de áreas desocupadas.

O **meio-ambiente histórico** tem duas dimensões: a dimensão **horizontal** que revela o aspecto de toda uma área em determinado período de tempo, no passado ou no presente, e a dimensão **vertical**, que mostra as sucessivas camadas e modificações de uma mesma área ao longo do tempo. A sobrevivência de cada uma dessas camadas depende de uma série de fatores, como o tipo de material usado nas estruturas construídas, ou o processo de mudança nas atividades, na agricultura, na indústria e na população. Algumas estruturas recentes podem esconder uma estrutura mais antiga, por trás das fachadas. A expansão urbana e as atividades agrícolas provocaram, em um passado muito recente, e ainda provocam, a destruição de muitos **sítios** e **monumentos históricos**.

Estudando o monumento/meio ambiente histórico

Ao analisar um monumento ou sítio histórico é importante que os alunos sejam levados a considerar as **dimensões** do meio-ambiente histórico em que eles se inserem, a avaliar a influência da ação e comportamento humanos sobre a paisagem natural, bem como a influência da paisagem local sobre esses comportamentos naquela localidade, que contribui para o seu “caráter” especial.

As disciplinas de História, Geografia, Matemática, Estatística e Ciências Sociais são áreas que podem ser especialmente desenvolvidas nesta exploração.

Um quadro de perguntas “chave” pode ser aplicado no estudo de um monumento, um sítio e seu meio-ambiente histórico (1).

<i>Presente</i>	<i>Passado</i>	<i>Influência do passado no presente</i>
Como é o lugar hoje?	Como era este lugar no passado?	Que elementos do passado podemos ver hoje?
Porque este lugar é assim, hoje, e como se diferencia ou se assemelha com outros lugares?	Porque este lugar era deste modo no passado? Como e porque ele se diferenciava ou se assemelhava com outros lugares no passado?	Que influência estes elementos tiveram sobre este lugar, e como esta influência se diferencia ou se assemelha ao que aconteceu em outros lugares?
De que maneira este lugar se relaciona com outros lugares?	De que maneira este lugar estava relacionado com outros lugares?	De que modo as relações existentes no passado influenciaram este lugar e o modo em que ele se relaciona hoje com outros lugares?
Como este lugar está mudado, e porque?	Que mudanças aconteceram neste lugar ao longo do tempo e por que?	Como as mudanças ocorridas estão refletidas hoje, neste lugar?
Como seria viver neste lugar, hoje?	Como seria viver neste lugar, no passado?	Como o passado influencia o modo e a experiência de viver neste lugar, hoje? ¹

QUADRO VIII

Ao estudar um local, monumento ou sítio histórico, e a **interação** entre a atividade humana e a paisagem, pode-se usar um conjunto estruturado de perguntas como estas, como base para que os alunos proponham suas próprias questões.

¹ Adaptado de “A Teacher’s Guide to Geography and the Historic Environment”.
Tim Copeland - English Heritage, 1993.

Cada pergunta pode gerar outras questões. A questão fundamental “*Como era este lugar?*” é o ponto de partida para a **coleta de dados**, o **trabalho de campo**, as **observações orientadas** e as diferentes **atividades**. A partir desta pergunta, é possível observar, entre outros aspectos:

Onde ele está situado?

Como ele se insere na paisagem natural?

Quantas estruturas existiam? De que eram feitas? Para que serviam?

Quantas pessoas viviam ali?

Perguntas como estas podem ser aplicadas a alunos de todas as idades, com a ajuda do professor para os mais jovens. Apesar de serem colocadas separadamente, as questões se relacionam entre si. Um conjunto de perguntas depende de outras. Entretanto, colocá-las separadamente ajuda a **compreender** e a **estruturar** os diferentes passos de uma **pesquisa**.

As atividades resultantes deste questionamento implicam no exercício de diferentes *habilidades*, tais como: a observação, o registro verbal, gráfico, matemático, a análise, a dedução, a comparação, a síntese, e a apresentação dos resultados, em diferentes formas.

O uso e a compreensão de mapas, plantas, fotografias aéreas, fotos antigas e recentes, documentos originais, arquivos, bibliografia, são outras habilidades envolvidas na **exploração orientada** de um sítio ou monumento histórico.

A visita a um sítio, monumento histórico ou arqueológico

- Escolha um sítio/monumento de preferência bem conservado, evitando os que apresentem algum risco de desmoronamento.
- Verifique se o sítio/monumento tem suficiente documentação histórica e registros anteriores, para facilitar a comparação com seu aspecto atual.
- A facilidade de acesso ao local é fundamental. No processo de estudo é possível que se necessite voltar ao sítio para complementar e esclarecer alguns aspectos.
- Nem todas as perguntas poderão ser respondidas no local, ou porque as *evidências* não existem mais ou porque ainda não foram encontradas. É importante que os alunos percebam as limitações das evidências. Isto pode levar à formulação de hipóteses sobre os elementos disponíveis, mas os alunos devem perceber também os riscos e problemas da interpretação de evidências incompletas, levando a conclusões inexatas ou distorcidas.

QUADRO IX

FOTOS: crianças em atividade em um monumento/sítio – Missões? Olinda?

Como encontramos o meio-ambiente histórico?

Podemos encontrá-lo todo dia, a qualquer momento, em torno de nós.

Para as crianças, com um tempo de vida mais recente e menor do que os adultos, quase tudo que as rodeia é produto de um “passado distante”, do tempo da vovó. A própria casa, a família ou a escola podem ser material útil para iniciar a compreensão da mudança e continuidade.

As estruturas remanescentes do passado são encontradas em diferentes **estados de preservação**:

intactas: escolas, casas, igrejas, prédios públicos, teatros, museus, parques, etc.

incompletas: não mais usadas por terem sido danificadas pela atividade humana, ou pela ação do tempo, como a chuva, o vento, o mofo, a ferrugem, transformando-se em **ruínas**. (normalmente correspondem à noção mais comum de “monumento histórico” ou “prédio antigo”, atraindo o interesse turístico).

enterradas: estruturas desaparecidas por abandono de uso e a própria decadência dos materiais (madeira, barro, p.ex.) menos resistentes à ação do tempo. A mudança nas atividades da área provocou o seu desaparecimento sob novas camadas de solo. (estes sítios são descobertos e estudados pelos arqueólogos, a partir de alguns vestígios encontrados no solo).

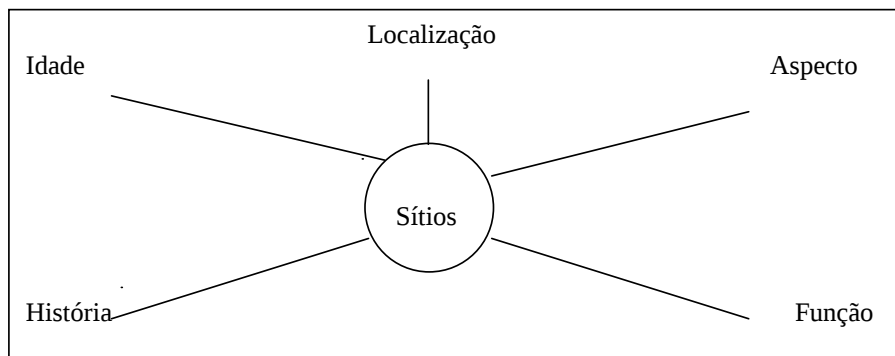
Os monumentos e sítios históricos de importância e significado para a cultura nacional são em geral “**tombados**” = protegidos pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional - IPHAN ou pelos órgãos estaduais e municipais de Patrimônio (ver página 58). Entretanto, em qualquer lugar, pequena vila ou cidade, e mesmo na área rural existem sítios e edificações que, embora não sejam registrados oficialmente, apresentam características e significados semelhantes aos que são “protegidos” por lei. A casa, a escola, a rua, a estrada, também são parte do meio ambiente histórico e do patrimônio cultural das comunidades em que vivem os alunos, e como tal podem ser utilizadas como **objeto de estudo** na Educação Patrimonial.

FOTOS

Análise de um monumento / sítio histórico

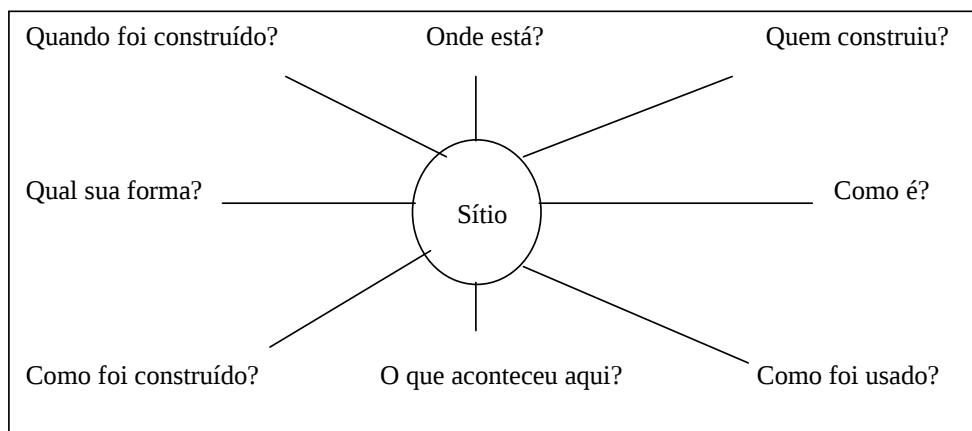
Ao utilizar um **monumento** ou **sítio histórico** no processo educacional, como parte integrante do programa curricular em diferentes disciplinas, estamos propondo uma série de questões, das quais a principal é: *como era este lugar no passado e como ele mudou?* As questões que ocorrerão podem ser: *quão antigo é o lugar? Quem o construiu? Porque o construíram? Como o construíram? Como se relaciona com outros lugares ou construções antigas? O que aconteceu aqui? Como sabemos isto?* Na base destas perguntas está a intenção de compreender a **evidência física** que observamos, com o intuito de conhecer mais sobre ela, sobre a vida no local e as mudanças que ocorreram, de modo a perceber sua importância ou significados no presente.

As questões básicas de abordagem podem ser assim estruturadas:



QUADRO X

Estes elementos de análise podem ser aprofundados em diferentes pontos:



QUADRO XI

O essencial nesse processo é fazer as questões adequadas, levantar problemas, discutir os resultados e verificar as conclusões mais apropriadas, isto é, mais sensíveis e possíveis.

Respostas "corretas" são raramente possíveis em sítios históricos, pois não podemos captar as idéias dos habitantes originais, a não ser por fontes secundárias (documentos, diários, cartas, etc.). É importante que os alunos percebam isto, e que suas respostas sejam avaliadas pela maneira em que se apoiam na evidência disponível.

QUADRO DICA

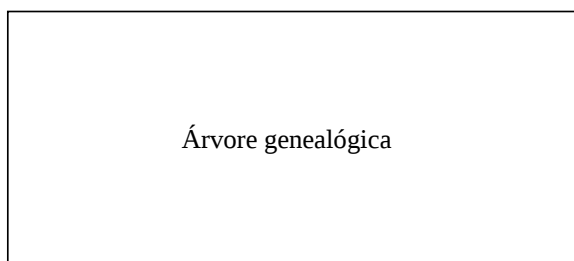
De volta à sala de aula é possível analisar os dados coletados no local, reformulando os resultados a partir de pesquisas e discussões posteriores e apresentando as conclusões de forma coletiva, com painéis, desenhos, mapas, gráficos, cronologias, exposições de objetos, maquetes, etc...

Sugestões de Atividades

1. Quem viveu aqui?

Alguns monumentos ou sítios dispõem de informações (livros, jornais, placas, etc.) sobre seus habitantes, em geral pessoas famosas ou personagens de algum momento histórico. Em qualquer destes locais existiram inúmeras pessoas anônimas que ali viveram, trabalharam e deixaram sua marca pessoal, apesar de não terem sido registrados em livros. A descoberta de que alguns de seus antepassados viveram no local, ou na região, pode ter um aspecto de especial **motivação** entre os alunos, na compreensão do sítio.

A elaboração da árvore genealógica de cada aluno ajuda a compreensão da sucessão das gerações e da continuidade cultural e genética, e do fato da multiplicação do número de antepassados diretos, à medida em que viajamos para trás, no tempo.



Árvore genealógica

Desenho

QUADRO XII

Entrevistas com os pais e avós podem fornecer indicações para este exercício.

A descoberta do que faziam e de onde vieram os antepassados contribui para a compreensão do **processo histórico** de ocupação do local, e das heranças culturais e genéticas de cada um.

Perguntas complementares podem ser:

Porque escolheram viver neste local?

As necessidades básicas de água, combustível, alimentação, defesa e comunicação podem ser avaliadas e investigadas no sítio e comparadas com as necessidades presentes dos alunos.

O que era necessário para viver neste local?

Os aspectos físicos do local e suas características podem ser investigados, avaliando-se os problemas decorrentes: distância da fonte ou do rio, relevo, vegetação, fonte de combustível, dificuldades de acesso, clima, etc.

Quais as vantagens e desvantagens de viver neste local?

Os alunos podem dividir as qualidades a serem avaliadas: distância de outros centros, clima, água, estradas, combustível, visão panorâmica, possibilidade de sobrevivência, agricultura, criação, etc...

FOTOS

2. Para que foi usado este local?

É mais fácil identificar o tipo de sítio ou edifício que estamos visitando do que o uso de seus compartimentos internos e espaços de entorno. Esta segunda tarefa requer um trabalho de "detetive", para tentar descobrir como o sítio ou edifício foi usado ou ocupado. Comparando com a escola, ou a própria casa, os alunos podem tentar identificar as áreas mais importantes, geralmente maiores, e os detalhes de decoração dos interiores, que podem ajudar a solucionar a questão. Outros detalhes arquitetônicos, de localização de portas e janelas, podem ajudar a identificar o uso dos diferentes espaços.

É possível ainda analisar a relação e a comunicação entre os espaços. Os detalhes e características de cada espaço devem ser anotados e observados cuidadosamente, em busca de "dicas" para resolver o problema. É possível fazer uma planta baixa do local, marcando-se com cores diferentes os espaços de acordo com sua importância ou uso, e as vias de acesso e comunicação. Todas essas observações e conclusões devem ser discutidas em grupo.

Perguntas decorrentes da primeira podem ser:

Como foi usado?

A partir das conclusões anteriores, é possível levantar hipóteses sobre o modo de vida no edifício ou sítio, e tentar reconstituir como seria um dia qualquer naquele lugar. A pesquisa da história local, dos documentos de arquivo, a entrevista com especialistas, a leitura de jornais da época, podem ajudar a esta reconstituição.

O *diário* de um habitante, uma *carta* escrita a um amigo do morador original, a representação de papéis dos moradores do local, podem ser atividades decorrentes desta exploração, que desenvolvem as habilidades de leitura, escrita, dramatização. Uma situação do dia-a-dia dos habitantes do sítio pode ser encenada na escola ou no local, com o envolvimento dos outros alunos na definição da cena, da confecção de indumentárias e adereços necessários, na criação de diálogos, músicas ou poesias.

Como o lugar era ligado a outros lugares?

Esta pergunta leva os alunos a situarem o monumento ou sítio no seu contexto regional, a avaliarem os problemas de comunicação e a rede de relações sociais existente na época original. A utilização de mapas antigos e contemporâneos pode ajudar neste exercício, contribuindo para a compreensão dos códigos e convenções de representação cartográfica. A discussão sobre os meios de locomoção e transporte, sobre o comércio e a economia da região, sobre os recursos de consumo e educação é outro aspecto a se explorar.

FOTOS

3. Que dimensões tem este local?

Este aspecto da exploração de um monumento ou sítio histórico oferece inúmeras oportunidades para o desenvolvimento de habilidades de cálculo e medição, nas disciplinas da Matemática e da Geometria, como por exemplo:

- estabelecendo medidas de limites e extensão de áreas;
- comparando os sistemas de medição (do passado e do presente);
- usando unidades de medida não convencionais;
- usando unidades de medida padrão;

As paredes e pisos de um sítio podem ser usados para exercícios de comparação: qual a mais longa? Qual a mais curta? Maior do que, mais comprida do que, mais larga que, mais alta, mais baixa, etc.

Análises de volumes (quantas pessoas caberiam neste espaço?), e de ângulos de paredes e aberturas podem ser feitas com o uso de parâmetros convencionais (régua, fita métrica, etc) ou não convencionais (o corpo, p.ex.), e ainda com os métodos antigos de medição *palmo*, *braça*, *pé*, *polegada*, alguns dos quais ainda são usados em outros países.

Desenho / Medidas

QUADRO XIII

Usando o corpo como medida

4. Que idade tem este local?

As crianças mais jovens tem dificuldade em compreender a medida do tempo.

O trabalho com os elementos familiares pode ser a base de investigação. A própria idade e a idade dos pais e avós podem servir de exemplo, e serem trabalhadas em um quadro cronológico.

A sequência de atividades cotidianas na vida da criança mais jovem é outro exercício preparatório para a compreensão da medida temporal (acordar, escovar os dentes, tomar café, ir para a escola, voltar da escola, brincar, tomar banho, jantar, dormir).

Os alunos mais velhos podem tentar descobrir o que aconteceu ao longo do tempo no sítio ou local, estabelecendo conexões com outros acontecimentos no passado. O que aconteceu **antes**, **durante** e **depois** do momento estudado no local requer o exercício dos conhecimentos de História e a pesquisa em fontes auxiliares. Um sítio ou edifício mais recente podem levar à realização de entrevistas com antigos moradores do local. Os alunos podem imaginar que são *repórteres* elaborando uma matéria para um jornal ou televisão.

O resultado de sua reportagem será exposto ou demonstrado em sala de aula, em painéis, ou apresentação de *dispositivos* e fotos, complementando e sintetizando o trabalho de campo.

DESENHO/ ÁRVORE GENEOLÓGICA TEMPORAL

FOTOS

5. O que está em cima e o que está embaixo?

A compreensão do processo de **estratificação** dos sítios e edifícios, como resultado do processo de transformação das atividades humanas pode ser alcançada por meio de observações e exercícios, tais como:

- a comparação de materiais e estilos;
- a procura de pedras fundamentais;
- um gráfico mostrando as sucessivas ampliações das áreas construídas;
- as remodelações e modificações na estrutura, fachadas e espaços internos.

O método de datação relativa: "o que está em cima é mais recente do que está embaixo" pode ser aplicado na observação das estruturas, e no caso de sítios arqueológicos, levar a uma compreensão das **camadas estratigráficas** e dos processos de escavação.

6. Como se apresenta este local?

As **formas** dos edifícios e sítios históricos tem importância no seu estudo e compreensão, possibilitando a distinção de *tipos* e *estilos* de construção (igrejas, fortes, mosteiros, palácios, residências, etc.).

As formas **geométricas** mais variadas podem ser descobertas com a elaboração da **planta baixa** dos edifícios, o desenho das janelas e portas, o estudo dos mosaicos ou lajotas de um piso. As formas e padrões geométricos podem dar motivo a exercícios em sala de aula ou no local, de criação de malhas decorativas, e de desenvolvimento de novos padrões, o que pode ser feito inclusive em computador.

Outros aspectos da decoração de exteriores e interiores podem ser elementos de identificação do **uso** dos espaços, de **épocas sucessivas** presentes no monumento, e de provável **datação** (anterior/posterior a, modificação, extensão, ampliação, substituição de elementos, etc.) da construção, bem como de discussão de gostos e estilos.

A comparação com a decoração dos espaços da escola, ou da própria casa, pode servir como elemento de aprofundamento deste aspecto.

A análise da **forma** dos edifícios em relação ao **peso estrutural** pode levar à compreensão dos métodos de construção e do desenvolvimento das tecnologias em diferentes épocas. As **abóbadas** e **cúpulas** fornecem bom material para a discussão dos recursos construtivos e sua relação com os espaços (paredes estruturais, presença de vigas e colunas, etc); maquetes de papelão ou tijolos de brinquedo podem ser recursos divertidos de exploração dos **sistemas construtivos**, em sala de aula.

A análise da **simetria** é um ótimo exercício que motiva os alunos por seu caráter lógico (jogo dos 7 erros, detetive, etc.). As razões do uso da simetria podem ser analisadas (estética, equilíbrio estrutural, espaços internos, visibilidade igual em ambos os lados, defesa igual em todos os lados, etc) e a falta dela pode ser um indicador do processo de mudança no uso, nas atividades ou nas circunstâncias históricas, bem como do tempo de construção do edifício.

FOTOS

OS CENTROS HISTÓRICOS - Descobrindo a vida no passado e no presente

Os **Centros Históricos** de muitas cidades do Brasil são excelentes para estimular o professor e seus alunos a estabelecer e compreender as relações fundamentais entre o presente, o passado, e as mudanças ocorridas nos modos de vida das pessoas que neles viveram, assim como nas próprias cidades.

O professor e seus alunos tem a possibilidade de aprender juntos sobre o **Centro Histórico**, já que este permite um amplo campo de **investigação** que desperta interesse tanto numa criança nos primeiros anos de aprendizagem como no adolescente do 2º grau. Ao mesmo tempo em que permite a **exploração interdisciplinar**, envolvendo os alunos em trabalhos fora da sala de aula, possibilita uma melhor **compreensão** da sua comunidade, através da história dos bairros, do meio ambiente e dos problemas que afetarão as futuras gerações.

A **exploração** do Centro Histórico pode envolver também a colaboração de profissionais como: arquitetos, planejadores, arqueólogos, antropólogos, historiadores, grupos preservacionistas, entre outros, que podem contribuir para a discussão de temas complexos da atualidade, questões políticas, econômicas, sociais, sobre desenvolvimento, poluição, etc. Questões como:

“As fachadas deveriam ser restauradas?”

“O que fazer com as populações pobres que habitam este lugar?”

“As casas velhas deveriam ser substituídas por outras mais modernas?”

“Vale a pena destruir um conjunto de casas antigas para construir um “shopping”?”

“Será necessário cortar as árvores? O que se perde e o que se ganha com isso?”

Esses assuntos que extrapolam os limites do currículo escolar, estimulam os alunos a desenvolver o espírito crítico, a formular hipóteses e propor soluções, preparando-os para o exercício da cidadania.

Apresentamos algumas sugestões de interpretação e exploração dos **Centros Históricos** com alunos de diferentes séries, levando em consideração que cada professor terá sua própria maneira de usar os edifícios, conjuntos arquitetônicos, parques, ruas e outros espaços da de sua cidade.

QUADRO DICA

COMO ENVOLVER OS ALUNOS NAS QUESTÕES DOS CENTROS HISTÓRICOS?

A **preparação** dos alunos em sala de aula é essencial para que a visita ao Centro Histórico permita estimular a **observação**, introduzir a **discussão** e **sensibilizá-los** em relação ao meio ambiente que os rodeia.

Aprender através do olhar não é necessariamente simples, desenvolver a habilidade da observação e interpretação do que nos rodeia, auxilia na compreensão do mundo; isto requer tempo, prática e um esforço consciente que precisa ser desenvolvido através de exercícios e tarefas.

FOTOS 2

Sugestões de Atividades

MAPAS MENTAIS

Peça a seus alunos para desenhar um mapa o mais detalhado possível, marcando o maior número de edifícios que possam lembrar-se em seu caminho diário entre a casa e a escola, ou da rua principal da cidade, ou das ruas que contornam a escola.

O resultado permitirá várias reflexões a respeito do que se olha e do pouco que se **registra** de tudo aquilo que se vê. Uma comparação entre todos os mapas elaborados demonstrará que alguns edifícios são lembrados por todos os alunos e outros por quase ninguém. Por que acontece isto? Muitas discussões poderão surgir a partir deste exercício.

EXERCÍCIOS DE COMPARAÇÃO

Estes exercícios são para auxiliar os alunos na compreensão de estilos, formas, funções, características, tipologias e épocas diferentes de construção.

Selecione vários tipos de imagens de edifícios (em revistas, folhetos, jornais) e recorte as figuras destacando portas, janelas, telhados, chaminés, etc. Misture os recortes e peça a seus alunos para procurar combinar os recortes de forma a montar novamente a figura completa.

JOGOS DE SIMULAÇÃO

Divida os seus alunos em vários grupos e apresente a eles a seguinte situação problemática:

O grupo responde pela Secretaria de Planejamento da Prefeitura da cidade. Esta Secretaria recebeu uma doação de um empresário milionário que deseja colaborar com o desenvolvimento da cidade em que ele nasceu, aplicando R\$ 1.000.000,00 na restauração e renovação de alguns edifícios, ruas e praças. Como o grupo aplicará e dividirá o dinheiro doado?

Cada grupo deverá chegar a um consenso sobre a distribuição dos recursos, que deverão ser apresentados e explicados para o Prefeito (o professor) e para a população da cidade (os outros grupos da classe).

As escolhas de aplicação dos recursos poderão ser comparadas e discutidas entre todos os grupos e várias questões poderão surgir a partir deste exercício. Por exemplo: os recursos públicos devem ser aplicados em empresas privadas? O que acontece quando a Prefeitura não tem dinheiro suficiente para aplicar na cidade? Devem-se fazer grandes ou pequenos projetos? A elitização de uma determinada zona deve ser apoiada? Os proprietários dos edifícios devem ser obrigados ou não a conservá-los? Os edifícios que não são vistos ou usados pelo público merecem receber apoio da Prefeitura? Qual é a importância de um Centro Histórico para a vida de uma cidade?

FOTOS 3

A CAMINHADA OU TRABALHO DE CAMPO

Uma caminhada pelo Centro Histórico é parte integral do processo de aprendizado sobre o seu significado e a sua conservação.

Os alunos devem saber para que estão fazendo a visita, ter atividades específicas para **ver, fazer e registrar**, ou seja, um **roteiro básico de observação** preparado pelo professor, que ao mesmo tempo auxiliará e provocará discussões sobre a conservação e as mudanças ocorridas na área.

Sugestões de aspectos que podem ser observados pelos alunos:

- Quais os edifícios que chamam mais a atenção e porque? Alguns deles estão nos mapas mentais feitos em sala de aula?
- Quais são os edifícios mais antigos? Tem características comuns (estilo, materiais, tamanho, etc.)?
- Identificar edifícios modernos com decoração imitando estilos mais antigos, janelas, portas, telhados, grades, postes e luminárias, letreiros etc.
- Procurar mudanças feitas nos edifícios, janelas e portas substituídas que não combinam com ele, acréscimos de pavimentos, telhados novos. Estas observações podem levar à discussão de por que as pessoas fizeram estas modificações?
- Observar detalhes nos edifícios que “dêem dicas” sobre os seus moradores. São ricos ou pobres? Jovens ou velhos? Que tipo de interesses tem? O que o nome dos escritórios ou lojas pode revelar?
- Observar os materiais de construção: são locais ou vêm de fora? Naturais ou artificiais? Os usados em casas velhas são os mesmos que nas novas?
- Observar nos edifícios sinais de conservação ou indícios de sua necessidade.
- As ruas e as praças estão bem cuidadas, têm lixo?
- Exercitar a percepção sensorial através de identificação de sons, cheiros, texturas, sensações em relação aos edifícios, às ruas e aos espaços públicos (praças, largos, etc).

Durante a caminhada é importante dar tempo aos alunos para desenvolver suas observações e interesses próprios, assim como relatos e histórias sobre o lugar. Na volta à sala de aula deve-se promover a discussão e o relato da experiência para todos os alunos.

FOTOS 2

Outra atividade que poderá ser desenvolvida durante a CAMINHADA poderá ser um Jogo de Simulação:

Antes de iniciar a visita proponha um problema para seus alunos e coloque-os para que representem diferentes papéis da vida real, por exemplo: imaginem que a Prefeitura pretenda demolir algumas casas antigas como parte de um projeto de alargamento de várias ruas para melhoria do trânsito. Distribua os papéis entre os alunos: alguns serão empresários, outros técnicos de planejamento, especialistas em engenharia de transporte, moradores das casas, velhos e jovens, donas de casa, comerciantes locais, donos de companhia de ônibus, fiscais, arquitetos do patrimônio, membros de organizações ambientalista. Inicie a caminhada e peça aos alunos para ver o conjunto do Centro Histórico com os olhos e interesses de cada um dos personagens, que deverão fazer um relatório defendendo o seu ponto de vista. Alguns alunos poderão ser ainda jornalistas, repórteres de TV que darão cobertura a uma matéria sobre o Centro Histórico. Durante a caminhada os alunos poderão entrevistar os pedestres, os moradores, os comerciantes, os guardas etc., a respeito do tema. Ao final da caminhada o professor, junto com os alunos, definirá a forma final que esta atividade terá em sala de aula que poderá ser um relato escrito, um jornal, uma peça de teatro, um vídeo, uma exposição, etc. O importante é que o objetivo da CAMINHADA esteja claro e que os alunos saibam que as informações e idéias registradas serão usadas num trabalho em sala de aula.

PRODUÇÃO DE FOTOGRAFIAS/DISPOSITIVOS

A caminhada pode contemplar também a produção por parte dos alunos de uma série de fotografias ou *dispositivos*, que venham refletir as observações e experiências vivenciadas. Para isso os alunos deverão definir os temas que serão abordados, os pontos de vista das fotografias na realização e edição, assim como os comentários para ilustrar as imagens e sua apresentação, seja a montagem de uma exposição ou uma projeção de *dispositivos*. O desenvolvimento e escolha dos temas a tratar vai depender da idade dos alunos e do local escolhido, podendo incluir a identificação de edifícios importantes para a preservação, a adaptação de novos usos, as mudanças nas áreas do Centro Histórico, etc.

FOTOS 3

EXERCÍCIO DAS 5 FOTOS

Divida os seus alunos em grupos e, se possível, cada grupo deverá ter uma máquina fotográfica (pode-se também registrar com desenho). Peça ao grupo para selecionar 5 edifícios que apresentem características dignas de preservação, fotografando-os ou desenhando-os. Explique aos alunos que os critérios de proteção de um edifício ou de parte de algumas áreas da cidade se baseiam em seu especial interesse, histórico ou arquitetônico, para a vida da comunidade.

As fotografias ou desenhos podem ser posteriormente trabalhados em sala de aula, expondo e comparando as escolhas de cada grupo, que as justificarão.

Poderá pedir-se aos alunos para escolher 5 edifícios que necessitem de proteção e fotografá-los, ou 5 fotos que mostrem edifícios com valor de conjunto ou 5 fotos de edifícios modernos que mereçam ser protegidos no futuro. O principal destas atividades é levar os alunos a discutir as suas escolhas e a basear os argumentos no processo de observação e registro.

USANDO FOTOGRAFIAS ANTIGAS

Outra maneira de observar e registrar o Centro Histórico com os alunos é através da identificação de cópias de fotografias antigas, comparando-as com a situação atual, e pedindo-lhes para fazer uma lista das mudanças observadas e o que isto significou para as pessoas que moram no local. Pode - se discutir ainda o que levou a estas mudanças, e se foram benéficas ou não.

ONTEM

HOJE

As sugestões de exercícios indicadas acima deverão ser adaptadas para cada faixa etária (correspondendo às séries do 1º e do 2º graus) de maneira que as atividades propostas aos alunos levem em consideração sua maturidade intelectual e emocional, para que possam alcançar o objetivo da aprendizagem.

QUADRO DICA

PREPARANDO A VISITA AO CENTRO HISTÓRICO

Ao planejar a atividade para seus alunos é aconselhável que o professor, visite antes o Centro Histórico para poder conhecer o espaço e as possibilidades que a exploração deste tema podem trazer.

No caso de ser um Centro Histórico **tombado**, poderá recorrer aos técnicos do Patrimônio Histórico para auxiliá-lo com informações e dados específicos.

Estes técnicos do Patrimônio podem ser encontrados em diferentes instituições: na Prefeitura Municipal, nos Órgãos de Preservação dos Estados ou no Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional – IPHAN.

É aconselhável também que o professor prepare para consulta dos alunos algum material sobre o contexto histórico, geográfico, político, econômico e social em que o Centro Histórico se desenvolveu, assim como informações simples sobre a legislação sobre a proteção, o uso e o desenvolvimento do local. Desta forma poderá planejar as atividades com um melhor embasamento, o que lhe permitirá atingir mais facilmente os objetivos propostos.

FOTOS 4 E 5

ROTEIRO PARA A IDENTIFICAÇÃO E ANÁLISE DE EDIFÍCIOS/ MONUMENTOS HISTÓRICOS

O professor poderá propor a seus alunos que identifiquem durante a visita alguns edifícios importantes pelo seu valor histórico ou arquitetônico, ou edifícios que se apresentem em mau estado de conservação ou abandonados.

Uma *ficha*, como a sugerida a seguir, poderá ser reproduzida pelo professor e distribuída aos alunos para ser preenchida, como roteiro básico da investigação. Após a visita é possível desenvolver em sala de aula uma atividade de análise e avaliação da situação dos edifícios e do conjunto do Centro Histórico, situando-os na planta da cidade. Esta atividade poderá propiciar discussões e reflexões sobre o papel e o valor do Centro Histórico na vida da comunidade.

<u>IDENTIFICAÇÃO DO EDIFÍCIO</u>			
Cidade.....		Estado.....	
Rua.....		nº Bairro.....	
<u>CARACTERÍSTICAS DO EDIFÍCIO</u>			
Antigo ☐	Moderno ☐		
Foi modificado?.....	S N		Acréscimo ☐ Demolição ☐
Nº pavimentos Sim ☐	No volume? Nas janelas? Nas portas? No telhado?		
Não ☐			
Outras?(especifique).....			
<u>Uso do Edifício</u>			
Residencial	☐	Religioso	☐
Comercial	☐	Misto	☐
Público	☐		
<u>Estado de conservação/ocupação</u>			
	Ocupado	Vago	Parcial/ocup.
Em ruínas			
Em mau estado			
Regular			
Bom			
Dados do edifício (através de informações colhidas durante a visita com moradores, vizinhos ou pedestres):			
.....			
.....			
Diagnóstico do edifício (como ele se apresenta):			
.....			
.....			
Importância do edifício para a comunidade:			
.....			
.....			
O que pode ou deve ser feito?			
.....			
.....			
Observação: você pode pesquisar na Prefeitura ou em outros Escritórios do Patrimônio para descobrir se este edifício está protegido por alguma lei.			
<u>Dados do Pesquisador</u>			
Nome.....			
Idade.....			
Escola.....			
Série..... Grau.....			

QUADRO XV

OS SÍTIOS ARQUEOLÓGICOS: ESCAVANDO O PRESENTE PARA ENCONTRAR O PASSADO

O que é a Pré-História ?

A história brasileira só começou a ser escrita com a chegada dos portugueses, em 1500. A História é o estudo do passado baseado em registros escritos ou em histórias contadas por alguém, o que chamamos “história oral”. No Brasil, os antigos povoadores, que eram os índios, não usavam a escrita, mas sua história foi passada para cada geração por meio da história oral. Sabemos que há vestígios da presença humana no Brasil desde há 30 mil anos. Mas, naqueles tempos, a escrita não havia sido inventada. O longo período de tempo que antecede a História, período em que não se tem registros escritos ou orais, é chamado a Pré-História. Mas se não há registros escritos, ou orais, dos tempos pré-históricos, como podemos estudá-los?

O que é Arqueologia ?

A Arqueologia é a ciência que nos permite conhecer o passado do homem, antes dos **registros históricos**. A palavra vem do grego *Archaios*, que significa antigo, e o sufixo *logia*, que significa o estudo de alguma coisa. Um arqueólogo é como um detetive: ele estuda os vestígios e pistas que indicam como vivia o homem no passado. Para isso ele emprega **métodos e instrumentos específicos**. Existem diferentes tipos de trabalho arqueológico. Os mais praticados no Brasil são: a Arqueologia pré-histórica, que se refere ao longo período antes de 1500, quando os europeus chegaram aqui; a Arqueologia Histórica, que estuda o passado do homem que aqui viveu a partir desta data, com a ajuda de documentos escritos e relatos orais.

O que é um Sítio Arqueológico ?

É um lugar onde se encontram vestígios da vida e da cultura material dos povos do passado. Estes vestígios podem estar sobre a superfície do solo - uma aldeia indígena abandonada, uma fortaleza do século XVIII, as ruínas de uma igreja, ou enterradas - um “*Sambaqui*”, por exemplo, locais à beira do mar onde se acumularam conchas, ossos, restos de alimentos e utensílios utilizados por grupos humanos que ali viveram.

Qualquer pessoa pode encontrar, por acaso, vestígios de um **sítio arqueológico**. Para compreender o que ele contém de informações sobre a vida humana naquele lugar é preciso algumas pistas, e para isso é necessário a ajuda de um arqueólogo. Se tentarmos escavar ou explorar um sítio arqueológico sem o conhecimento dos métodos apropriados para essa tarefa, podemos destruir as informações que ele contém. Os sítios arqueológicos são protegidos por lei - a Lei Federal 3.924/61 e destruí-los é incorrer em um crime contra o Patrimônio Nacional.

FOTOS 3 ou 4

O que faz um arqueólogo?

Para um arqueólogo, um montinho de lascas de pedra pode trazer um sem número de informações que para uma pessoa comum podem não ter o menor significado. O trabalho da Educação Patrimonial é parecido com o dos arqueólogos: aprender a “ler” as **evidências** do passado no presente, para delas tirar conclusões e conhecimentos.

Para encontrar as informações que procura, o arqueólogo remove cuidadosamente, às vezes com um pincel, as camadas de terra ou entulho que cobrem os artefatos e vestígios da ocupação humana encontrados em um sítio arqueológico. Às vezes, ele encontra **camadas superpostas** de vestígios diferentes que correspondem a diferentes períodos de ocupação. Os períodos mais antigos encontram-se nas camadas mais profundas. Esta superposição de camadas no solo, como se fosse um bolo, e o seu estudo, é o que se chama, em Arqueologia, a *Estratigrafia* do sítio. Ela permite identificar as datas sucessivas de ocupação, umas em relação a outras, levando à descoberta de como viviam essas populações, o que comiam, o que fabricavam, os instrumentos de que dispunham, e a evolução das tecnologias ao longo do tempo. Por isto é tão importante preservar e proteger os sítios arqueológicos da destruição - eles são **fontes** preciosas para o conhecimento de nossa história, de nossa pré-história, de nossos antepassados e de nossa **trajetória cultural**.

QUADRO DICA

As pistas do passado, no presente:

As principais **evidências** que os arqueólogos podem encontrar em um **sítio arqueológico**, como pistas para desvendar o mistério da vida dos povos que nos antecederam, enterradas ou sobre a superfície do solo, são:

- **artefatos** - qualquer objeto feito pelo homem, como instrumentos de trabalho, de caça ou de pesca, de música ou ritual, brinquedos, vasilhas e peças de indumentária, etc...
- **estruturas** - ou as construções de todos os tipos, para atender às suas necessidades e modos de vida, tais como casas, abrigos, depósitos de alimentos e grãos, igrejas, colégios, fortificações, etc...
- **ecofatos** - ou as coisas da natureza usadas pelo homem de acordo com suas necessidades, como por exemplo restos de alimentos, ossos e conchas, sementes, carvão, fibras, pedras, etc...

O local onde essas pistas são encontradas é importante para que se possa **compreender** ou **deduzir** como eram usadas - isto se chama o **contexto** dos artefatos, ecofatos, ou estruturas. Algumas coisas juntas, em um mesmo **contexto**, podem ser associadas pelo arqueólogo, para descobrir, como um detetive, informações sobre o que aconteceu naquele lugar, naquele momento histórico.

Por isto não devemos mexer ou tirar as coisas do lugar, ao visitar um sítio arqueológico. Para explorar um sítio histórico ou pré-histórico, em uma atividade de Educação Patrimonial, recorra sempre à ajuda de um arqueólogo, através dos escritórios e coordenações regionais do IPHAN em seu Estado ou Município (ver relação na página nº 58)

Sugestões de Atividades

O Arqueólogo do futuro: ¹

Os alunos podem imaginar que são arqueólogos do ano 3000. A sala de aula ou o jardim da escola podem ser “*sítios arqueológicos*”, que serão explorados pelos alunos para descobrir as pistas sobre a vida no final do século XX. Cada grupo de alunos deve recolher, em um saco plástico, alguns artefatos ou coisas que foram para o lixo, na sala ou no pátio da escola. Cada aluno, em cada grupo, descreve em uma ficha um objeto encontrado. Quando todos os objetos estiverem descritos, o grupo pode discutir a **função** de cada um, discutindo as várias “*hipóteses*” de uso, como se não soubessem como era a vida em nossa época.

Cada grupo apresentará aos demais suas hipóteses sobre o material encontrado; no final da atividade é possível fazer um painel, em classe, sobre as informações obtidas através da análise do material recolhido, discutindo ainda tudo o que não está representado por este material - o que está faltando, ou o que fica pouco claro, a partir destas evidências. Este exercício, que pode ser bem divertido e lúdico, estimulando a criatividade dos alunos, também os fará perceber as **limitações** da Arqueologia, na descoberta dos mundos passados.

FOTOS 2 ou 3

[d1] Comentário:

[d2] Comentário:

¹Texto e atividade adaptado de “O Presente do passado – o que é Arqueologia?” -de Edna June Morley– IBPC(IPHAN), Florianópolis, 1992.

A Louça quebrada

DESENHO

QUADRO XVI

O objetivo desta atividade é: iniciar o aluno na compreensão da **evidência cultural** e nos diferentes modos de analisá-la, levando-o a perceber o processo de reconstituição do passado através dos fragmentos e vestígios observados no presente. A experiência pode ser usada como preparação para o estudo de qualquer **evidência**, de objetos de museus a monumentos em ruínas ou sítios arqueológicos.

- Apresente aos alunos um objeto qualquer de cerâmica ou louça comum (xícara, prato, bule, pote, caneca, etc.) previamente quebrado em pequenos pedaços dentro de um saco plástico transparente.
- Peça aos alunos para identificar o que é este objeto. A resposta nem sempre será óbvia. Faça perguntas que levem à observação do material empregado, vestígios de decoração e forma de fragmentos.
- Escolha um dos fragmentos que permita uma fácil identificação (a alça, por exemplo). Faça perguntas que levem a uma **interpretação** deste fragmento de evidência. Nem sempre você pode ter certeza absoluta de como era o objeto original. A borda de uma caneca ou de um pote podem ser semelhantes.
- Repita o exercício com os demais fragmentos. Os alunos podem desenhá-los para tentar montar o “quebra-cabeça” ou tentar reconstituir o objeto juntando os próprios fragmentos (desde que não haja risco para os alunos).

O ENFOQUE INTERDISCIPLINAR

Os currículos escolares são comumente sobrecarregados, com disciplinas que competem entre si por limitação do tempo em sala de aula e pelas normas oficiais estabelecidas. Os **objetos patrimoniais**, os **monumentos**, **sítios** e **centros históricos**, ou o **patrimônio natural** são um recurso educacional importante, pois permitem a ultrapassagem dos limites de cada disciplina, e o aprendizado de *habilidades* e *temas* que serão importantes para a vida dos alunos. Desta forma, podem ser usados como “detonadores” ou “motivadores” para qualquer área do currículo ou para reunir áreas aparentemente distantes no processo de ensino/aprendizagem.

Alguns tópicos são ideais para a abordagem de temas do currículo básico, que atravessam várias disciplinas: a **educação ambiental**, a **cidadania** (pessoal, comunitária, nacional, incluindo os aspectos políticos e legais) as **questões econômicas** e do **desenvolvimento tecnológico/industrial/social**.

Qualquer uma das atividades sugeridas nos capítulos precedentes pode satisfazer os requerimentos do currículo oficial, como um tópico básico ou como parte do currículo das diferentes disciplinas.

Algumas sugestões podem dar uma pequena idéia das infinitas possibilidades de um trabalho integrado e interdisciplinar:

Linguagem: as sugestões para dramatização/representação de papéis/solução de problemas podem servir como ponto de partida para o trabalho de criação verbal, falada ou escrita. O material coletado pelo aluno no papel de “jornalista” ou “produtor de rádio/TV/filme”, pode ser usado de diversas maneiras: um artigo de jornal, uma novela ou documentário de televisão, uma peça de teatro, uma história infantil ou em quadrinhos, uma exposição, ou simplesmente como base para discussão em sala de aula. Todas essas criações demandam o uso imaginativo da linguagem. A poesia e a metáfora podem ser usadas como expressão dos sentimentos e percepções provocados pela observação dos objetos ou monumentos. A pesquisa das linguagens e termos de épocas passadas, comparadas com os da atualidade, pode contribuir para a compreensão dos processos culturais e seus diferentes aportes. A linguagem e o vocabulário dos descendentes dos imigrantes italianos está presente na designação de seus objetos culturais, dos gestos e rituais, das cantigas, jogos e ditados. Representar papéis e vivenciar experiências de outros contextos culturais no tempo e no espaço requer a compreensão da linguagem e expressões de grupos diferenciados, contribuindo para o **envolvimento** dos alunos com os fenômenos e grupos localizados. A leitura de obras da literatura da época ou da região pode enriquecer o processo de discussão.

Matemática: O desenho de edifícios, a confecção de mapas e plantas, o exame detalhado de um objeto podem servir para a prática de habilidades matemáticas tais como: pesar e medir, calcular alturas, comprimentos, ângulos, áreas e volumes. A utilização de instrumentos de medição (régua, fitas métricas, fios de prumo, etc.) é mais uma habilidade desenvolvida por estas atividades. É possível utilizar-se medidas e métodos históricos para os cálculos, por exemplo: *pés, léguas, palmos, polegadas*, etc. Os edifícios podem ser excelentes para o estudo das formas e planos geométricos. A criação de padrões decorativos pode ser desenvolvida a partir de ladrilhos, tijolos, rendas de janelas, vitrais e telhas. As fachadas dos edifícios podem ilustrar uma variedade de formas, linhas e curvas, e problemas de simetria. Os andaimes fornecem material para a geometria, e os espaços interiores e o mobiliário podem oferecer idéias para exercícios de reorganização e planejamento, para atender a funções ou circunstâncias diferentes. Os aspectos financeiros e estatísticos dos objetos, edifícios ou conjuntos históricos também oferecem oportunidades para exercícios matemáticos: custos de fabricação, dos materiais, da mão de obra, do tempo de construção, etc. Os resultados dos levantamentos feitos no trabalho de campo podem ser analisados, comparados e apresentados em forma de gráficos e escalas, em sala de aula.

Ciências Os edifícios e monumentos podem ser usados para o estudo dos fenômenos e das leis da Física, como por exemplo a *força da gravidade*: galpões e salões antigos, com estrutura aparente, podem ajudar a compreensão dos problemas de construção e de distribuição dos pesos do telhado e paredes. Tijolos de brinquedo podem ser usados em sala de aula para reconstruir problemas estruturais e testar a resistência de diferentes tipos de materiais. O mesmo pode ser feito com maquetes de estruturas e arcos. Durante o trabalho de campo, os alunos podem usar lentes para examinar os diferentes materiais e suas texturas e qualidades. A deterioração dos materiais em objetos e edifícios históricos são um bom pretexto para se produzir hipóteses e pesquisas sobre como e porque alguns materiais se deterioram diferentemente do que outros. Pode-se fazer experiências com madeiras, metais, ferro, plástico, papel, vidro, etc., submetendo-os a diferentes agentes de deterioração e a um processo de observação: jogando na água, enterrando, deixando ao ar livre, sacudindo, submetendo a impacto, manipulando. Pode-se ainda observar diferentes maneiras de preservação desses materiais. Os resultados podem ser discutidos, bem como as melhores maneiras de preservação.

FOTOS 2 ou DESENHOS

Tecnologia: As residências são sistemas complexos, com partes relacionadas entre si. Os alunos podem facilmente investigar como essas partes operam e se interrelacionam. Sistemas de drenagem de água e de canalização de esgotos podem ser objeto de estudos tecnológicos e de discussão sobre mudanças do passado para o presente e projeções para o futuro. Objetos como relógios, máquinas de costura ou de escrever, carruagens e automóveis são poderosos motivadores e iniciadores de discussões sobre as tecnologias e a revolução industrial. Moinhos, máquinas a vapor, locomotivas, serras e outras máquinas podem ser a base de estudo para a questão da tecnologia e sua consequência na vida humana. O estudo das tecnologias de informação, a começar pela sinalização de roteiros e circuitos, a criação de mapas e guias de orientação das visitas, os painéis informativos em um sítio histórico, são tópicos que desenvolvem habilidades e enfocam conteúdos, como por exemplo os sistemas de informatização de dados e serviços e a revolução provocada pelos computadores.

Arte: as diferentes maneiras de representar um objeto, um edifício ou meio-ambiente histórico ou natural podem dar margem ao domínio de técnicas e habilidades de expressão nos mais diversos meios: desde a fotografia, a cores ou em preto e branco, a ampliação ou distorção dos ângulos, o uso de lente ou filtro, até o simples desenho a lápis ou com pigmentos, as técnicas de gravura e impressão, as colagens, as fragmentações dos detalhes e texturas, a modelagem, a moldagem e a maquete, são exemplos de criações plásticas. O vídeo é um recurso cada vez mais ao alcance de muitas escolas, e que permite diferentes recursos de comunicação e expressão. O uso da palavra e do som permitindo a criação de cenas, músicas, representações corporais, mímica e dança, são outras formas de expressão criativa e de desenvolvimento das capacidades do aluno.

Geografia: o estudo de um centro histórico, de um parque botânico ou do meio-ambiente natural pode ser o ponto de partida para a abordagem dos temas desta disciplina. A elaboração de mapas e plantas de edificações, a comparação com mapas antigos e plantas, a análise dos registros populacionais de uma determinada localidade, são outros recursos a explorar, tendo como base a evidência histórico/cultural. A procedência dos materiais, as técnicas construtivas, a decoração, podem dar informações interessantes para o conhecimento da Geografia Física e Humana. Ao identificar os recursos e características que dão o caráter especial de uma localidade ou região, os alunos podem discutir as alternativas para sua preservação.

História: os objetos patrimoniais e os edifícios e centros históricos, os sítios arqueológicos e paisagísticos podem refletir a maior parte da História do Brasil e do mundo. Os objetos e monumentos do passado são a evidência concreta da continuidade e da mudança dos processos culturais. A comparação da própria casa com as casas do passado podem dar aos alunos a compreensão de como os estilos e modos de vida das sociedades mudam ao longo do tempo. Em um automóvel moderno podemos encontrar ainda os traços das antigas carruagens puxadas a cavalo.

DESENHOS FOTOS 2

Os detalhes de diferenciação dos objetos do passado e do presente podem ser traçados num gráfico, ou linha de tempo, que pode ser comparada a uma árvore genealógica, situando os personagens familiares em diferentes épocas.

Uma entrevista com o proprietário “original” de um edifício antigo pode ser um recurso de imaginação criativa, que vai requerer a pesquisa e a consulta a outras informações (bibliotecas, arquivos públicos, jornais da época, entrevistas com familiares, com historiadores, etc.). As idéias e gostos de uma época podem ser discutidos e deduzidos das evidências observadas nos objetos patrimoniais.

CASOS DE ESTUDO

I. UM MUSEU: o MUSEU IMPERIAL, Petrópolis-RJ.

Contexto: Como um dos museus mais visitados do país, o Museu Imperial recebe inúmeras escolas de 1º e 2º graus, cujo atendimento é feito pelo Centro de Educação Patrimonial por meio de visitas e atividades orientadas, marcadas antecipadamente. Foi neste museu, em 1983, que se realizou o 1º Seminário de Educação Patrimonial no Brasil, a partir do qual desenvolveu-se uma metodologia específica para o trabalho educacional em museus, monumentos e sítios históricos, hoje difundida por todo o país. As experiências aqui apresentadas estão entre as primeiras desenvolvidas a partir da formulação dos princípios metodológicos da Educação Patrimonial, algumas, como o **Projeto Dom Ratão**, aplicadas até o presente.

Histórico: O Museu Imperial está situado no antigo Palácio de Verão do Imperador D. Pedro II, construído em estilo neoclássico em 1845, dando origem à cidade de Petrópolis. O centro histórico da cidade está tombado pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional - IPHAN. Em seu caráter de uma casa histórica, o Museu Imperial apresenta os ambientes reconstituídos do Palácio Imperial, com móveis e objetos originais e os símbolos da Monarquia Brasileira como as Coroas, o Trono e o Cetro dos Imperadores.

PROJETO DOM RATÃO: o projeto foi elaborado visando atender às classes de pré-escolar e alfabetização (2 a 6 anos), como uma introdução ao vivenciamento do Museu, uma experiência motivadora e preparatória para visitas posteriores, nos estágios mais avançados da formação escolar.

Metodologia: A atividade se desenvolve em três etapas sucessivas: o teatro de fantoches, a visita ao Palácio e atividades de registro e exploração, após a visita.

a) O teatro de fantoches, criado e apresentado pelos próprios técnicos do setor educativo, tem como objetivo **motivar** as crianças e **provocar** a curiosidade e atenção para a visita. Conta a história de Dom Ratão e sua família, que chegam a Petrópolis em liteira, para uma visita ao Palácio. O personagem, sua mulher e as duas filhas ratinhas percorrem os diversos ambientes, descobrindo como vivia a Família Imperial, estabelecendo-se um **diálogo** ativo e lúdico entre eles e as crianças. As **observações** e **perguntas** levantadas correspondem ao nível etário dos alunos, que estabelecem uma imediata **empatia** com os personagens. Os cenários reproduzem alguns interiores do Palácio.

b) O segundo momento da atividade é a visita ao Palácio pelas crianças, professores e monitores do setor educativo, revivenciando em cada sala as **observações** e **emoções** experimentadas pelos ratinhos, levando a uma **apropriação visual e afetiva** dos espaços, objetos e imagens percebidos.

FOTO 1- MUSEU IMPERIAL – PALÁCIO

FOTOS 2 – ATIVIDADES DO DOM RATÃO

c) O terceiro momento, de volta ao espaço educativo do Museu, consiste em diferentes exercícios de registro e fixação dos elementos observados, aplicando-se com as crianças já alfabetizadas uma **folha didática** a ser completada, com o tema da *família*, a partir de uma pintura do acervo que representa os moradores do Palácio. O exercício leva a comparações e perguntas sobre a moradia, a família, e o cotidiano das crianças, sem preocupação de passar informações de caráter histórico.

UM CASAMENTO NA CORTE: experiência de dramatização histórica de um casamento na Corte Imperial, a partir da exposição comemorativa do casamento de D. Pedro II e D. Teresa Cristina. As crianças de 3ª a 8ª séries (9 a 14 anos) puderam vivenciar os dois aspectos do evento, como teria acontecido no século XIX, por um lado como empregados ou profissionais que prepararam a festa, por outro como os personagens da aristocracia que participaram da mesma.

Metodologia: a atividade desenvolveu-se em três etapas, durante uma tarde, no próprio Palácio - a preparação da festa, o ensaio da cerimônia e do baile, e a dramatização do evento. Após a **visita à exposição** e a **observação orientada** dos objetos, pinturas e indumentária da época, as crianças foram divididas em grupos de 10, e receberam fichas com os papéis que deveriam desempenhar: o papel de *serviço* (preparação da festa) e o papel de *personagem* (cerimônia do casamento). As atividades propostas para cada grupo foram: confecção de indumentária masculina e feminina, com papel crepom, cartolina e adereços (cartolas, bengalas, espadas, colarinhos, dragonas, condecorações, medalhas, leques, rendas, adornos de cabeça, jóias, chales, etc.); preparação do banquete, com farinha de trigo e pigmentos, a partir de cardápios pesquisados nos arquivos do Museu; confecção de instrumentos musicais para a orquestra, em madeira e cartolina, a partir dos modelos existentes na exposição; preparação da decoração do salão de baile, com flores e guirlandas de papel crepom. Após o trabalho de preparação da festa, as crianças ensaiaram os papéis dos convidados, do noivo e da noiva, ensaiando a cerimônia do casamento e as danças da época, como *valsas*, *polcas* e *quadrilhas*. A última parte da atividade consistiu na encenação do casamento e do baile que se seguiu, aproveitando-se para explorar a linguagem, os gestos e códigos sociais da época.

FOTOS 4

II. UM MONUMENTO/SÍTIO ARQUEOLÓGICO: OS REMANESCENTES DAS MISSÕES JESUÍTICO-GUARANIS em São Miguel, RS.

Contexto: os quatro **sítios arqueológicos** missioneiros do Brasil, São Miguel Arcanjo, São Nicolau, São João Batista e São Lourenço Mártir, situados no Estado do Rio Grande do Sul, estão hoje sob proteção do Governo Federal, reconhecidos como Patrimônio Nacional. Em 1983, a UNESCO declarou as Missões Jesuítico-Guaranis de São Miguel Arcanjo como Patrimônio Cultural da Humanidade.

O Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional – IPHAN vem desenvolvendo trabalhos integrados de conservação, proteção e valorização desses sítios, em conjunto com as comunidades locais, as universidades, a iniciativa privada, associações de amigos e os governos municipais e estadual.

A Educação Patrimonial, introduzida em 1987, tem sido fundamental na facilitação do entendimento, por parte das comunidades que hoje habitam esses sítios, sobre a sua importância histórica e a necessidade de sua preservação e valorização.

Histórico: durante os séculos XVII e XVIII a Companhia de Jesus, a serviço da Coroa Espanhola, fundou inúmeros povoados nos territórios hoje pertencentes ao Brasil, Argentina, Paraguai e Uruguai. Nesses povoados se estruturou uma forma de viver diferente, tanto dos padrões culturais dos indígenas guaranis quanto dos europeus da época, gerando um modelo único de vida comunitária.

Ao longo de 150 anos, 30 povoados, chamados de *reduções*, foram criados na região do Rio da Prata, dos quais 7 no território do atual Rio Grande do Sul, que ficaram conhecidos como os **7 Povos das Missões**. Ainda hoje é possível observar os remanescentes dessas comunidades pioneiras e de seu modelo único de organização social, que se estruturava de forma cooperativa, interligadas por uma rede de estradas e portos fluviais, por onde circulava uma economia baseada na pecuária e no cultivo da erva-mate. Além dos vestígios arquitetônicos é possível ainda se observar inúmeros exemplos de escultura religiosa e investigar os achados provenientes das pesquisas arqueológicas desenvolvidas nesses locais.

FOTOS

OFICINA DE ARQUEOLOGIA: oficinas sistemáticas foram criadas e desenvolvidas pelos técnicos do IPHAN com o objetivo de desmistificar e demonstrar o trabalho da arqueologia, sua importância e a responsabilidade de todos frente a esse Patrimônio, que constitui uma referência material do desenvolvimento das culturas que existiram no local.

Metodologia: a oficina destinada principalmente às crianças da 5ª série do 1º grau simula o trabalho do arqueólogo em campo. Os alunos que estudam no currículo escolar a história das Missões, fazem inicialmente uma visita guiada ao sítio arqueológico, onde recebem uma explicação geral do espaço missioneiro e assistem a um vídeo que mostra a reconstrução virtual, por computador, do antigo povoado de São Miguel.

Após a visita é realizada uma **experiência concreta** em um local previamente preparado, junto à antiga Quinta Jesuítica (horta e pomar) onde foram colocados fragmentos de cerâmica missioneira, tais como telhas, potes, ladrilhos, abundantes na região, juntamente com fragmentos de cerâmica contemporânea.

Após a explicação sobre o trabalho do arqueólogo e as etapas sucessivas – reconhecimento do local e coleta superficial das evidências, as crianças recebem sacos plásticos e são convidadas a participar da primeira etapa, que se constitui na coleta, limpeza, classificação e montagem do material encontrado na superfície. As cerâmicas missioneiras são comparadas com as contemporâneas quanto à tecnologia empregada, peso, espessura, tamanho, processo de produção, entre outros aspectos.

A partir desta experiência procura-se desenvolver o aspecto investigativo latente na criança, de forma lúdica, levando-a a compreender o papel do arqueólogo na *tradução* das **evidências** do passado, e a **relacionar** este passado com o presente e o futuro. É comum, após a realização da oficina, que algumas crianças devolvam pequenos fragmentos de cerâmica recolhidos durante a visita inicial, demonstrando a efetividade do método da Educação Patrimonial na mudança de atitude em relação ao Patrimônio Cultural, no caso, um sítio arqueológico.

FOTOS

UM CENTRO HISTÓRICO: Antônio Prado - RS

Contexto: Centro Histórico protegido pela legislação federal, arquitetura característica da imigração italiana no sul do país.

População (1998) - em torno de 15.000 habitantes.

Os primeiros estudos realizados pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional - IPHAN, como parte do processo de *tombamento* de um núcleo exemplar característico da imigração italiana no sul do Brasil, provocaram uma reação imediata da comunidade local contrária a sua preservação. Em 1989, uma primeira oficina de Educação Patrimonial fez parte de um processo de **sensibilização** da população para a **valorização** de suas raízes e de seu patrimônio cultural. O trabalho com professores de 1º grau foi uma estratégia de multiplicação, junto aos alunos e pais, do **conhecimento** e da **apropriação** de seus valores e tradições, contribuindo para a **conscientização** sobre a importância de sua proteção.

Histórico: Situada no Vale do Rio das Antas, no RS, Antônio Prado foi fundada em 1886, quando os primeiros imigrantes, vindos em sua maioria do norte da Itália, começaram a estabelecer-se nas *colônias* recém-criadas pelo Governo Imperial. A pequena vila prosperou até 1940, quando começou um longo período de estagnação econômica, motivado pelo desvio das estradas principais e o desenvolvimento das colônias vizinhas. Este distanciamento do processo de crescimento econômico e populacional foi em parte responsável pela preservação do conjunto arquitetônico e paisagístico da cidade. Com a retomada do desenvolvimento e a pavimentação da estrada que dá acesso à cidade, atraindo um fluxo turístico regional e novas iniciativas comerciais, o conjunto do patrimônio cultural passou a sofrer ameaças a sua preservação.

FOTOS + DESENHOS

Metodologia: A Oficina de Educação Patrimonial, realizada durante um Encontro Regional de Museus e Arquivos Históricos, envolveu a Secretaria Municipal de Educação, técnicos do IPHAN e professores locais.

Os grupos de trabalho abordaram os seguintes temas:

- Evolução urbana de Antônio Prado: processos de ocupação do espaço geográfico/histórico.
- Início da colonização: vida social, econômica, política e cultural.
- Antônio Prado hoje: vida social, econômica, política e cultural.
- A Casa da Neni: quem foi o personagem, sua família, trabalho, etc...

Tendo como base a reorganização do Museu da cidade, que reúne peças relacionadas com a história de Antônio Prado, e a Casa da Neni, residência típica da região, os participantes elaboraram propostas de trabalho a serem desenvolvidas nas escolas, e vivenciaram as experiências e atividades propostas pela metodologia da Educação Patrimonial.

As **folhas didáticas** elaboradas para dar suporte a uma *caminhada* de conhecimento do **centro histórico** e à exploração do **acervo** do Museu, abordaram diversos tópicos, tais como: equipamentos, religião, artesanato, culinária, a cidade e sugestões para o professor na volta à sala de aula.

Outros materiais de suporte ao trabalho foram elaborados, tais como uma *coletânea de receitas típicas* da tradição italiana local, jogos de armar, de dados, quebra-cabeça em madeira, e uma revista em quadrinhos, abordando o conflito entre a preservação e o desenvolvimento da cidade, utilizando personagens conhecidos, publicados na imprensa local.

DESENHO IOTTI / FOTOS

UM PATRIMÔNIO RURAL: O PROJETO REGIONAL DE EDUCAÇÃO PATRIMONIAL DA 4ª COLÔNIA DE IMIGRAÇÃO ITALIANA NO RIO GRANDE DO SUL.

Contexto: projeto desenvolvido pela Secretaria de Cultura e Turismo do Município de Silveira Martins, RS, a partir de 1993, abrangendo o sistema educacional dos municípios da região: D. Francisca, Faxinal do Soturno, Ivorá, Nova Palma, Pinhal Grande, São João do Polêsine (checar). Durante três anos, até 1996, o Projeto (PREP) desenvolveu uma metodologia específica para o trabalho da Educação Patrimonial na área rural, inserido no currículo de 1º grau, envolvendo professores, pais e avós, alunos e demais membros das comunidades, de forma pioneira e sistemática.

Histórico: a chamada “4ª Colônia de Imigração Italiana no Rio Grande do Sul” corresponde à região mais tardiamente ocupada por imigrantes europeus, em sua maioria italianos, no processo de “colonização” do interior do país durante o Governo Imperial, no século passado. A partir de 18.. instalam-se os primeiros núcleos de colonização no local, em terras inóspitas e íngremes, impróprias para a agricultura. As dificuldades e obstáculos encontrados por estes primeiros habitantes constituem uma saga heróica, que em muitos casos não foi registrada em livros, mas que se mantém viva na memória coletiva destas comunidades. O esvaziamento econômico da região, provocando a emigração das novas gerações, levou à consciência, por parte de seus agentes culturais, da necessidade de se realizar um trabalho de resgate e valorização de suas raízes culturais como meio de recuperar a auto estima e o processo de desenvolvimento regional.

FOTOS 2 ou 3

Metodologia: a partir de uma oficina de Educação Patrimonial, realizada por ocasião do Fórum Regional da 4ª Colônia, em 19.., em Silveira Martins, quando técnicos do Museu Imperial, RJ, levaram aos professores locais a **proposta metodológica** da Educação Patrimonial, a Secretaria de cultura e Turismo do município iniciou um projeto “*piloto*” de trabalho com as escolas locais, a partir da coleta, identificação e análise da cultura material e da tradição oral do município. A partir desta primeira experiência, desenvolveu-se o Projeto Regional de Educação Patrimonial, coordenado pelas Secretarias de Cultura e Turismo e de Educação de Silveira Martins, ampliada para envolver os demais municípios vizinhos.

No desenvolvimento do projeto escolheram-se *núcleos temáticos*: a *casa*, *espaços e mobiliários*; *documentos familiares*; *instrumentos de trabalho e técnicas de uso*; *cultivos e alimentação*: a *Flora Nativa* e a *Fauna Nativa*. Cada um desses termos foi objeto de estudo e exploração durante todo um semestre letivo, em todas as disciplinas do currículo, a partir de atividades e experiências concretas de observação, coleta, pesquisa e exploração, partindo sempre do enfoque da realidade quotidiana dos alunos. Através do manuseio, do registo em diferentes meios, dos jogos, das entrevistas com familiares e membros da comunidade, alunos e professores tiveram a possibilidade de entender e reconstituir as trams sociais, tecnológicas, econômicas e culturais que compõem o tecido de sua trajetória e identidade históricas.

Ao final de cada etapa temática, organizou-se em cada escola uma *exposição* dos objetos coletados e dos trabalhos realizados (desenhos, maquetes, fotografias, mapas e relatos, dramatização, etc.). Ao final do período letivo organizaram-se exposições temáticas coletivas, apresentando o trabalho desenvolvido em todas as escolas municipais da região participantes do Projeto.

FOTOS 2 ou 3

A MULTIPLICAÇÃO DO MÉTODO: OFICINAS DE EDUCAÇÃO PATRIMONIAL

A **metodologia** da Educação Patrimonial pretende ser um instrumento valioso para o trabalho pedagógico dentro e fora da escola. Para alcançar a multiplicação das idéias e conceitos propostos, no campo da educação sobre o patrimônio cultural é importante que se faça um treinamento com os agentes que irão desenvolver este trabalho nas escolas, nas associações de bairros, ou em qualquer espaço ou grupo social que se pretenda sensibilizar

Este treinamento pode ser realizado através de **Oficinas de Educação Patrimonial** que levarão os participantes a experimentar diretamente a metodologia de trabalho proposta, podendo assim **avaliar** a sua **eficiência** e **potencialidade**. A oficina se desenvolve durante 3 dias, manhã e tarde, com um número aproximado de 40 pessoas.

No primeiro momento se apresenta aos participantes um embasamento teórico em que se abordam de forma simples os conceitos de cultura, bens culturais, materiais ou imateriais, móveis ou imóveis, assim como os princípios que fundamentam a metodologia da Educação Patrimonial. Em seguida se propõe aos participantes um exercício de observação, onde se evidencia o potencial que qualquer objeto tem, como fonte de informações sobre o momento histórico e/ou a sociedade que o criou.

Num segundo momento, os participantes, através do método de "aprender fazendo", são levados a desempenhar o papel de alunos, utilizando num trabalho de campo os bens culturais locais, previamente selecionados: edifícios e espaços públicos, privados, ou religiosos, casas antigas e modernas, museus e coleções, manifestações artísticas, cultos religiosos, saberes e festas populares, produções artesanais, etc, aplicando a metodologia específica de trabalho.

FOTOS

Museu
Imperial

Antônio
Prado

Silveira
Martins

Tikuna

Vivenciando a experiência concreta da **observação, análise e registro**, os participantes são logo após convidados a retornar a sua função de professores e a elaborar os planejamentos pedagógicos interdisciplinares. É nesta etapa da Oficina em que eles integram os bens culturais "objeto de estudo" como instrumento de ensino/aprendizagem, utilizando os resultados da observação, análise, registro e pesquisa, aplicados aos conteúdos programáticos em todas as disciplinas.

FOTOS

Oficinas

Num terceiro momento, novamente se propões aos participantes voltar ao papel de alunos. A partir do material observado, analisado e pesquisado sobre o "objeto de estudo", devem então elaborar uma atividade ou produto final (exposição, vídeo, filme, história em quadrinhos, dramatização, relatos, etc) utilizando a vivência e o conhecimento adquirido. Nesta etapa pede-se aos participantes o exercício da criatividade com a emissão de um juízo de valor.

Esta atividade final envolve os professores emocionalmente, permitindo-lhes a experiência marcante da vivência de todo o processo de aprendizado que mais tarde aplicarão com seus alunos.

Através da **avaliação** dos trabalhos apresentados será possível perceber o grau de apropriação e envolvimento dos participantes em relação aos bens culturais analisados. Uma avaliação por escrito solicitada aos professores permite ajustes e aperfeiçoamento nos mecanismos de desenvolvimento das Oficinas de Educação Patrimonial.

COMO ELABORAR O MATERIAL DE APOIO: AS FOLHAS DIDÁTICAS

Vários tipos de materiais podem ser elaborados como apoio ao conhecimento e exploração dos bens culturais, entre eles a **folha didática**, que tem como objetivo orientar os alunos nesse processo de descoberta.

Este material é um instrumento instigador da **percepção**, da **análise** e da **comparação** que permite ao aluno uma melhor **compreensão** do que está sendo observado. Na sua elaboração deverá ser levado em conta:

- definição dos objetivos do que se pretende explorar;
- linguagem adequada ao nível da faixa etária que se pretenda trabalhar;
- indagações objetivas de fácil compreensão;
- diagramação clara e agradável, com espaço suficiente para preenchimento.

(ver páginas ..., ..., ... e ... - Como explorar os objetos e monumentos.)

As folhas poderão ser confeccionadas tanto para dar suporte a um trabalho em um monumento, um sítio ou um centro histórico, como para acompanhar os alunos numa visita a um museu ou auxiliar e orientar numa expedição a um Parque Nacional.

Os professores, juntamente com os técnicos do patrimônio, poderão produzir as folhas didáticas ou qualquer outro tipo de material (jogos, quebra-cabeças, palavras cruzadas, etc), com recursos simples e de pouco custo e com desenhos ou fotografias que poderão ser reproduzidas em xerox. Estes materiais podem servir de apoio às atividades durante a visita e à fixação do conhecimento adquirido, após a mesma, em sala de aula.

FOTOS DA EXPOSIÇÃO CIDADE E A SERRA

Como exemplo, apresentamos as **folhas didáticas** produzidas para acompanhar a exposição “A Cidade e a Serra” realizada no Museu Imperial em 1993. Este material foi preparado considerando os diferentes níveis de conhecimento dos alunos de 1º grau.

FOTO DA EXPOSIÇÃO CIDADE E A SERRA

FOLHAS DIDÁTICAS

FOLHAS DIDÁTICAS
VISITAS AO MI

EXPO A CIDADE E A SERRA

Frente/Verso

Frente/Verso

FOLHAS DIDÁTICAS

FOLHAS DIDÁTICAS
VISITA AO MI

Frente/Verso

EXPO LEOPOLDINA

Frente/Verso

AVALIANDO A EXPERIÊNCIA

Em qualquer atividade de Educação Patrimonial, a **avaliação** da experiência pode trazer subsídios que possibilitem aos educadores enriquecer a **aplicação** da **metodologia** utilizada, verificando o nível de **envolvimento** e **compreensão** dos alunos com o tema explorado. Um método possível para se fazer esta avaliação é o uso de questionários, aplicados aos professores e alunos, a partir da experiência vivenciada. Um exemplo de avaliação pode ser demonstrada através do material elaborado pelo **Centro de Educação Patrimonial** do **Museu Imperial**, a partir da atividade realizada com base em uma exposição temporária; “*Carolina Josefa Leopoldina, Imperatriz do Brasil*”. Os questionários preenchidos após a visita permitiram avaliar:

- Aspectos relativos ao professor: familiaridade com o museu, intenção, motivação da visita, nível de preparação em sala de aula, conhecimento prévio do tema, expectativa em relação à visita e aos resultados alcançados.
- Aspectos relativos ao aluno: motivação, dificuldades, adequação da atividade ao tempo disponível, nível de apreensão do tema.

O material de avaliação permitiu ainda verificar a qualidade do atendimento na percepção dos alunos e professores, as perspectivas de uso educacional, e receber comentários e sugestões.

FOTOS



QUESTIONÁRIOS DE AVALIAÇÃO

MUSEU IMPERIAL Avaliação do Professor	MUSEU IMPERIAL Avaliação do Aluno
Escola:.....Série:..... Dia/Hora:.....Faixa etária:.....	Nome:.....Idade:.....Série:..... Escola:..... Data:.....
Prezado Professor: Para otimizar o trabalho desenvolvido pela equipe pedagógica do Museu, gostaríamos de sua colaboração no sentido de avaliar a atividade educativa oferecida aos seus alunos. A sua opinião nos será muito útil!!! A equipe do Setor Educativo	Prezado Aluno: Foi muito bom trabalharmos juntos. Para melhorar a qualidade do nosso atendimento, gostaríamos de saber a sua opinião sobre a atividade da qual você participou. Muito obrigada!!! A Equipe do Setor Educativo
1. É a primeira vez que você traz seus alunos ao Museu Imperial? sim () não () Com que frequência você o faz ? mensal () semanal () anual () 2. O que o motivou a trazê-los ? 3. Que disciplina você leciona para esta turma ? 4. Que nível de informação/conhecimento você tinha sobre este tema ?..... 5. Você já participou de alguma atividade educativa oferecida pelo Museu ? Qual ou quais ? 6. Qual a sua expectativa ao trazer seus alunos para participar da atividade educativa na Exposição ? A sua expectativa foi atendida ? sim () não () em parte () Por que ?..... 7. Houve preparação para a visita a esta Exposição ? sim () não () Em caso positivo, que tipo de preparação ? 8. Seus alunos estavam motivados a visitarem esta Exposição ? muito () em parte () não () Qual a razão desta motivação/ desmotivação ? Eles estavam motivados a desenvolver as atividades propostas ? sim () não () em parte () Como você observou isto ? 9. Seus alunos se mostraram participativos durante a atividade ? muito () em parte () não () 10. O tempo utilizado na atividade foi suficiente ? sim () não () 11. A abordagem do tema estava compatível com o nível de compreensão dos seus alunos? sim () não () Por que? 12. A atividade oferecida pelo Museu o auxiliará de alguma forma em sala de aula ? sim () não () em parte () Em caso de afirmativo como você pretende utilizá-la ? em Estudos Sociais () em Ciências () em Comunicação e Expressão () em Matemática () outros:..... 13. Como você classificaria o tratamento dispensado pela equipe do Setor Educativo do Museu ? muito bom () bom () regular () péssimo () 14. Sugestões:	1. É a primeira vez que você vem ao Museu? sim () não () Em caso negativo, quantas vezes e com quem você já veio anteriormente ?..... pais () professores () parentes () amigos () 2. Você encontrou alguma dificuldade em fazer as tarefas propostas no Material Didático oferecido pelo Museu ? Quais? desenhar () escrever () identificar os objetos expostos () identificar os personagens retratados () compreender os textos da exposição () outros:..... 3. O tempo dado para a elaboração da atividade foi: suficiente () insuficiente () 4. Após visitar esta exposição, você diria que conheceu melhor a Imperatriz Leopoldina ? sim () não () em parte () 5. Numa escala de 0 a 10, que nota você daria a atividade proposta pelo Museu ? 6. Deixe aqui sua(s) sugestão(ões):

REFERÊNCIAS PARA O PROFESSOR: O PATRIMÔNIO A CONHECER

Entre os bens tombados pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional - IPHAN, alguns foram declarados pela UNESCO como Patrimônio da Humanidade:

- O Centro Histórico de Olinda - PE
- O Centro Histórico de Ouro Preto - MG
- O Centro Histórico de Salvador - BA
- Os remanescentes das Missões Jesuíticas de São Miguel - RS
- O plano-piloto de Brasília - DF
- O Centro Histórico de São Luiz - MA
- Parque Nacional de Iguaçu – PR
- Parque Nacional da Serra da Capivara – PI(?)

FOTOS

Em todos os Estados do Brasil existem centros históricos e monumentos representativos, muitos deles reconhecidos como Patrimônio Nacional, e que poderão ser objeto de estudo e trabalhos de campo. Procure nos escritórios regionais do IPHAN, e nos órgãos de Patrimônio de seu Estado ou Município a lista de outros monumentos, museus e bens de importância reconhecida para a memória e a cultura brasileiras, que você poderá visitar e explorar educacionalmente. As Secretarias de Cultura e Turismo dos Estados e Municípios também poderão fornecer o calendário dos eventos e manifestações folclóricas, religiosas e populares, bem como feiras de artesanato, como outros recursos para a abordagem com os alunos. Os institutos e órgãos de proteção do meio-ambiente poderão indicar sítios, parques e áreas do Patrimônio Natural que também podem ser alvo de atividades de Educação Patrimonial.

FOTOS

FONTES DE PESQUISA E INFORMAÇÃO

A pesquisa e o estudo dos objetos, monumentos e sítios patrimoniais podem ser enriquecidos através do recurso a outras fontes de informação e orientação:

- **Escritórios Locais de Planejamento Urbano e de Patrimônio Histórico:** um bom local para começo de pesquisa sobre edifícios, monumentos e sítios históricos tombados ou considerados de interesse especial. Alguns escritórios do IPHAN (Coordenações Regionais) contam com técnicos especializados na atividade educacional e orientação aos professores. Todos possuem listagens de monumentos e áreas tombadas, fotografias, mapas e inventários do Patrimônio.

Museus: alguns museus possuem técnicos ou departamentos especializados que poderão orientar e auxiliar o professor na preparação da visita e de materiais didáticos.

FOTOS

Bibliotecas: a Biblioteca pública local ou de outras instituições culturais e educacionais também podem subsidiar a pesquisa sobre os temas a serem explorados.

Arquivos: do mesmo modo, nos arquivos públicos ou privados, de empresas ou familiares, é possível se encontrar informações, dados, fotos, documentos e outros registros importantes para a pesquisa.

Jornais e Televisão:

Órgão e Instituições de Proteção Ambiental: estas agências poderão fornecer informações, orientação à visita e materiais ilustrativos que podem enriquecer a pesquisa e o trabalho de campo.

QUADRO DICA

Principais Tipos de Fontes Documentais:

- mapas;
- censos populacionais;
- testamentos, legados, inventários;
- documentos familiares - cartas, diários, certidões, passaportes etc.;
- listas comerciais: almanaques, “páginas amarelas”;
- relatos pessoais: os *relatos* e *depoimentos* pessoais obtidos por entrevistas, gravados ou registrados em qualquer meio, constituem o que chamamos de “história oral” e são fontes de informações preciosas para o estudo do patrimônio cultural;
- livros de batismo e casamento;
- jornais e revistas.

FOTOS

PLANEJANDO A VISITA:

- Ao organizar uma visita com seus alunos, estabeleça os objetivos que se pretende alcançar com a atividade. Prepare a turma previamente sobre os temas a serem trabalhados. Se possível visite antes o lugar para preparar a visita e definir os temas abordados e os recursos que utilizará, assim como o tempo necessário para desenvolver as atividades. Peça o apoio dos seus colegas que lecionam outras disciplinas. O trabalho integrado fica mais interessante e mais proveitoso.
- Informe-se sobre os dias e horários de funcionamento do local a ser visitado e da possibilidade de contar com o auxílio dos técnicos ou funcionários especializados da instituição para o apoio às atividades ou sugestões para as mesmas. Procure saber o clima e a temperatura do local, se há banheiros e lugar para lanches. **Agende a sua visita!** Procure chegar com algum tempo de antecedência .
- A maioria dos museus dispõe de um Setor Educativo e alguns oferecem materiais didáticos para apoio à visita. **Procure conhecê-los!**
- Cada local exige um comportamento: falar baixo, não correr e evitar tocar nos objetos são algumas regras importantes à serem observadas em museus. Em espaços públicos, sítios históricos ou arqueológicos é importante **não coletar fragmentos** ou mudar coisas de lugar, bem como não perturbar outros visitantes ou as pessoas que estão trabalhando no local.
- Máquinas fotográficas e filmadoras não podem, em geral, ser utilizadas em exposições e museus. Esclareça os alunos sobre os cuidados que se deve ter em não comer balas, chicletes, biscoitos, entre outros alimentos que atraem insetos e roedores, nos espaços visitados. Sacos plásticos para o acondicionamento do lixo são bastante úteis.
- Exponha aos alunos as tarefas a serem desenvolvidas no local e o tempo que lhes será dado para executá-las. É importante dar **continuidade** em sala de aula aos resultados obtidos com a análise e investigação em campo.
- Promova exposições na escola sobre o trabalho dos seus alunos . É uma boa forma de valorizá-los e de divulgar junto aos familiares e a comunidade o nosso Patrimônio Cultural, e o trabalho da **Educação Patrimonial**.

FOTO 1

Alunos preparando-se para entrar ao Museu ou visitando / um Sítio Histórico.
Um desenho engraçado (?)

BIBLIOGRAFIA:

- Bens Móveis e Imóveis Inscritos nos Livros do Tombo do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional - Ministério da Cultura/Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional - 4ª edição revista e atualizada - Rio de Janeiro, IPHAN, 1994.
- Guia de Museus Brasileiros - Comissão de Patrimônio Cultural - Pró-Reitoria de Cultura e Extensão Universitária - Universidade de São Paulo - São Paulo, USP, 1997.
- Série: Education on site - Ed. Mike Corbishley, English Heritage
 - “*A Teacher’s Guide to Using Listed Buildings*” - Crispin Keith, 1991.
 - “*A Teacher’s Guide to Maths and the Historic Environment*”, Tim Copeland, 1991
 - “*A Teacher’s Guide to Geography and the Historic Environment*”, Tim Copeland, 1993
 - “*A Teacher’s Guide to Using Castles*”, Tim Copeland, 1994
 - “Learning from Objects – “A Teacher’s Guide to Learning from Objects”, Gail Durbin e outros, 1990.
- O Presente do Passado - O Que é Arqueologia? , Edna June Morley - Florianópolis, 1992
- ... artigos MLPH

Relação dasCoordenações Regionais, Subregionais e Museus do IPHAN